



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Tânia Sofia de Sousa Cunha

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A atividade lúdica na sala do jardim de infância:
A taxa de ocupação das Áreas Básicas de Atividade

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação da
Mestre Sandra Santos

fevereiro de 2012

Pedagogia

Brinca enquanto souberes!
Tudo o que é bom e belo
Se desaprende...
A vida compra e vende
A perdição.
Alheado e feliz,
Brinca no mundo da imaginação,
Que nenhum outro mundo contradiz!

Brinca instintivamente
Como um bicho!
Fura os olhos do tempo,
E à volta do seu pasmo alvar
De cabra-cega tonta,
A saltar e a correr,
Desafronta
O adulto que hás-de ser!

Miguel Torga, 1960 (in Oliveira-Formosinho, 2004, p.116)

AGRADECIMENTOS

Reconheço o apoio que me foi prestado, agradecendo a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste processo, sem os quais nada seria possível.

À professora Sandra Santos pelo apoio na orientação deste relatório, pela sua disponibilidade e rigor, paixão e genuíno interesse que acompanhou o decorrer deste trabalho.

Ao professor César Sá por ter ouvido as nossas angústias e dúvidas e nos ter tentado sempre ajudar, mostrando-se sempre disponível em todas as situações.

À professora Lina Fonseca pela seu empenho, prestando-nos toda a sua atenção e preocupação, que nos acompanhou ao longo de todo este percurso académico.

À professora Linda Saraiva pelos materiais que nos foi sempre cedendo, ajudando-nos a estruturar o pensamento sobre aquilo que iríamos desenvolver.

À professora Anabela Sampaio pelo questionamento do trabalho, assim como pelos materiais que forneceu.

À Educadora Clara Baptista por abraçar o projeto e permitir que este fosse realizado naquele contexto.

A todas as crianças e encarregados de educação que possibilitaram a realização deste estudo, pois sem eles não seria possível.

À minha família pela compreensão e apoio moral prestado, que permitiu que tudo seguisse sempre em frente.

Ao meu namorado pelo seu amparo nos momentos mais críticos e pela ajuda em certos programas e questões técnicas.

À minha colega de estágio Nádia Brandão pelo apoio nas filmagens e pela sua disponibilidade.

E a todos os que me ajudaram, direta ou indiretamente, contribuindo para a concretização deste projeto.

RESUMO

No âmbito do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico, elaborou-se este relatório final da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II). Este é constituído por um enquadramento teórico do contexto em que se desenvolveu a PES II, pela escolha e fundamentação de planificações orientadas para o trabalho de investigação, por um trabalho de investigação e por uma reflexão final da PES I e da PES II.

No trabalho de investigação aqui incluído, estudou-se a atividade lúdica na sala de jardim de infância, através da taxa de ocupação das Áreas Básicas de Atividade (ABA). Para o efeito, adotou-se uma metodologia de natureza quantitativa.

A população foi constituída por 18 crianças da sala dos 5 anos de um jardim de infância do concelho de Viana do Castelo, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos. Recolheram-se os dados através de uma observação do comportamento lúdico das crianças, durante um período de tempo consecutivo, e através da análise de uma entrevista sobre as preferências lúdicas do grupo.

Os resultados evidenciaram que a área das Construções foi a que teve maior adesão no quadro geral, sendo as áreas da Plástica e da Casa aquelas que tiveram menor taxa de ocupação. Constatou-se ainda que as preferências das crianças coincidiram com aquilo que elas realizaram.

As crianças permaneceram em atividade lúdica durante 89,5% do tempo total de observação, reconhecendo-se a elevada importância que a ludicidade ocupa na infância.

Palavras-chave: Atividade lúdica; Áreas Básicas de Atividade; Brincar; Jogo; Criança em idade pré-escolar;

ABSTRACT

According to what has been established to the Master degree in PRE-K and Primary School we have been asked to write a final report about the Supervised Teaching Practice II (PES II). This consists of a theoretical framework in the context that has been developed PES II, the fundamentals and the choice of lesson plans, whose main goal is the research work itself and a final reflection of PES I and PES II.

In the research work included here, we have studied the activity of play in the kindergarten, through the occupancy rate of Basic Areas of Activity (BAA). To achieve it, a methodology quantitative, has been adopted.

The population consisted of 18 children, aged between 4 and 5 years, belonging to a 5 year-room of a kindergarten in the local council at Viana do Castelo. Data has been collected through observation of children's playful behaviour, during a consecutive period of time and through the analysis of an interview about the playful preferences of the mentioned group.

The results showed that the area of Construction was one towards which children showed more interest. While the areas of Plastic Art Skills and the House had a lower rate of occupancy. It was further observed that the preferences of children matched with what they had previously done.

The children stayed in playful activity for 89.5% of the total time of observation, recognizing the high importance it holds in the childhood.

Keywords: Playful activities; Basic Areas of Activity; Play; Game; Child in Nursery school;

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
ÍNDICE	XI
ABREVIATURAS	XIII
ÍNDICE DE FIGURAS	XV
ÍNDICE DE QUADROS	XVII
1 INTRODUÇÃO	1
2 ENQUADRAMENTO DA PES II	3
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	4
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE CRIANÇAS QUE FREQUENTAM A INSTITUIÇÃO	6
2.3 PERFIL DO GRUPO DE CRIANÇAS DA SALA DOS 5 ANOS	6
2.3.1 <i>O grupo de crianças</i>	7
2.3.2 <i>Caracterização da sala de atividades</i>	9
2.3.3 <i>Descrição das áreas de atividade</i>	10
2.3.3.1 Área da Biblioteca	10
2.3.3.2 Área do Supermercado	10
2.3.3.3 Área da Cozinha	11
2.3.3.4 Área da Casinha	12
2.3.3.5 Área das Construções	12
2.3.3.6 Área dos Jogos	13
2.3.3.7 Área de Plástica	14
3 PLANIFICAÇÕES ORIENTADAS PARA O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	15
4 TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	39
4.1 ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA	39
4.1.1 <i>Questões e Objetivos</i>	42
4.2 REVISÃO DE LITERATURA	43
4.2.1 <i>A importância de brincar e da atividade lúdica não formal</i>	43
4.2.1.1 <i>Porque é que as crianças brincam</i>	47
4.2.1.2 <i>Papel da escola/ do educador:</i>	48
4.2.2 <i>O Papel do jogo como atividade lúdica não formal no desenvolvimento da criança</i>	50
4.2.2.1 <i>Tipos de jogo</i>	52
4.2.3 <i>Análise das Orientações Curriculares e A função das áreas em sala de atividades, de acordo com o Modelo Curricular da sala High-Scope;</i>	53

4.3	METODOLOGIA	57
4.3.1	<i>Opções metodológicas</i>	57
4.3.2	<i>Condições de realização do estudo</i>	58
4.3.3	<i>Fases do estudo</i>	59
4.3.4	<i>Recolha, análise e tratamento dos dados</i>	60
4.3.5	<i>Caracterização da população</i>	61
4.4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	62
4.4.1	<i>Comportamento lúdico observado durante a exploração das Áreas Básicas de Atividade</i>	62
4.4.2	<i>Comportamento lúdico do género masculino</i>	66
4.4.3	<i>Comportamento lúdico do género feminino</i>	68
4.4.4	<i>Comparação entre o comportamento lúdico do género masculino e feminino</i>	70
4.4.5	<i>Comportamento lúdico das crianças de 4 anos</i>	71
4.4.6	<i>Comportamento lúdico das crianças de 5 anos</i>	73
4.4.7	<i>Comparação entre o comportamento lúdico das crianças de 4 e 5 anos</i>	75
4.4.8	<i>Preferências lúdicas das crianças em contexto de sala de jardim de infância</i>	77
4.4.8.1	<i>Preferências lúdicas do género masculino em contexto de sala de jardim de infância</i>	78
4.4.8.2	<i>Preferências lúdicas do género feminino em contexto de sala de jardim de infância</i>	79
4.4.8.3	<i>Comparação entre a taxa de ocupação das ABA e as preferências lúdicas das crianças em contexto de sala de jardim de infância</i>	80
4.4.8.4	<i>Razões das preferências lúdicas</i>	81
4.5	CONCLUSÕES	84
4.5.1	<i>Contributos do estudo para a prática profissional</i>	85
4.5.2	<i>Limitações do estudo</i>	87
4.6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
5	REFLEXÃO GLOBAL DA PES I E II	97
	ANEXOS	103

ABREVIATURAS

PES I: Prática de Ensino Supervisionada I;
PES II: Prática de Ensino Supervisionada II;
ABA: Áreas Básicas de Atividade;
NEE: Necessidades Educativas Especiais;
JR: Jogo de Repetição;
JI: Jogo de Imitação;
JC: Jogo de Construção;
JA: Jogo de Agrupamento;
CAS: Área da Casa;
COZ: Área da Cozinha;
SP: Área do Supermercado;
CONS: Área das Construções;
J: Área dos Jogos;
P: Área da Plástica;
B: Área da Biblioteca;
OUT: Outros;

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Planta da sala dos 5 anos	9
Figura 2 - Área da Biblioteca	10
Figura 3 - Espaço de leitura.....	10
Figura 4 - Área do Supermercado	11
Figura 5- Área da Cozinha	11
Figura 6 - Área da Casinha	12
Figura 7 - Área das Construções	13
Figura 8 - Área dos Jogos	13
Figura 9 - Prateleira dos jogos	13
Figura 10 - Prateleira dos materiais da área de Plástica	14
Figura 11 - Taxa de ocupação das ABA	64
Figura 12 - Taxa de ocupação das ABA das crianças do género masculino.....	67
Figura 13 - Taxa de ocupação das ABA das crianças do género feminino.....	69
Figura 14 - Taxa de ocupação das ABA das crianças de 4 anos	72
Figura 15 - Taxa de ocupação das ABA das crianças de 5 anos	74
Figura 16 -Preferências lúdicas das crianças em sala de jardim de infância.....	77
Figura 17 - Preferências lúdicas das crianças do género masculino na sala de jardim de infância	78
Figura 18 - Preferências lúdicas do género feminino em sala de jardim de infância	79
Figura 19 - Razões de preferência da área das Construções.....	81
Figura 20 - Razões de preferência da área da Cozinha.....	82
Figura 21 - Razões de preferência da área do Supermercado	83

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Crianças da sala dos 5 anos	7
Quadro 2 - Material da área da Biblioteca	10
Quadro 3 - Material da área do Supermercado	11
Quadro 4 - Material da área da Cozinha.....	11
Quadro 5 - Material da área da Casinha.....	12
Quadro 6 - Material da área das Construções.....	13
Quadro 7 - Material da área dos Jogos.....	13
Quadro 8 - Material da área da Plástica	14
Quadro 9 - Calendarização do estudo realizado.....	59
Quadro 10 - População do estudo	61
Quadro 11 - Tempo e valor percentual de cada criança durante a exploração livre das ABA.....	63
Quadro 12 - Tempo e valor percentual das crianças do género masculino durante a exploração livre das ABA	66
Quadro 13 - Tempo e valor percentual das crianças do género feminino durante a exploração livre das ABA	68
Quadro 14 - Comparação entre géneros do valor percentual de ocupação de cada uma das ABA.....	70
Quadro 15 - Tempo e valor percentual das crianças de 4 anos durante a exploração livre das ABA	71
Quadro 16- Tempo e valor percentual das crianças de 5 anos durante a exploração livre das ABA.....	73
Quadro 17 - Comparação entre idades dos valores percentuais de ocupação de cada uma das ABA	75
Quadro 18 - Comparação entre o valor percentual da taxa de ocupação das ABA com as preferências lúdicas das crianças.....	80

1 INTRODUÇÃO

Se é considerado importante que as crianças de cinco, quatro e três anos frequentem a educação de infância é porque, nela e através dela, se desenvolvem competências e destrezas, se aprendem normas e valores, se promovem atitudes úteis para o futuro aluno básico, secundário e superior e úteis para o futuro cidadão.

(Formosinho, 1996, p.11)

O presente relatório final de Prática de Ensino Supervisionada foi baseado na experiência tida no contexto pré-escolar e culmina como produto final do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Inicia-se, depois da presente introdução, com o Enquadramento da PES II, em que se apontam algumas das características do contexto de estágio, assim como das crianças e comunidade escolar. Este contexto foi essencial, pois foi a partir dele que se definiu o problema do trabalho de investigação, assim como as questões chave pelas quais viríamos a guiar o estudo. Foi também crucial no sentido de que a sala, na qual tivemos o privilégio de ir crescendo, constituiu a nossa população e permitiu que realizássemos todo um conjunto de procedimentos, sem os quais nada disto seria possível. Retrata-se, neste capítulo algumas das informações que descrevem a constituição e o funcionamento da instituição e da sala, na qual se desenvolveu a PES II.

De seguida, encontra-se o capítulo de Planificações Orientadas para o Trabalho de Investigação, onde se apresentaram duas planificações com elevada importância no desenvolvimento do trabalho de investigação. Para além da exposição das planificações, inicialmente explicou-se o porquê de tais escolhas.

Depois, temos o Trabalho de Investigação propriamente dito, onde se estudou a atividade lúdica na sala do jardim de infância, através da taxa de ocupação das ABA (Áreas Básicas de Atividade). Este trabalho tem início com a orientação para o problema, onde se desenvolve o porquê da escolha do tema, se apresentam algumas preocupações face ao contexto e se definem objetivos e questões chave. Em seguida, surge a fundamentação teórica, que abarca alguma literatura fundamental na aquisição de mais conhecimentos acerca do tema. Esta fundamentação teórica teve os seguintes subtemas desenvolvidos:

- A importância do brincar e da atividade lúdica não formal;
- O papel do jogo como atividade lúdica não formal no desenvolvimento da criança;
- Análise das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e a função das áreas em sala de atividades, de acordo com o modelo curricular “High-Scope” (usado pela sala onde se realizou o estudo).

É então descrita toda a metodologia utilizada na realização deste estudo. Temos depois a apresentação e a análise dos resultados, apresentados em quadros e gráficos devidamente analisados, com ajuda de autores que estudaram esta temática. E por último são então apresentadas as conclusões do Trabalho de Investigação e os contributos que a realização deste trabalho tiveram para futura prática profissional. Estão aqui também contidas algumas limitações que o estudo teve, indicando-se algumas perspetivas de remediação para futuros trabalhos deste âmbito.

Para finalizar o relatório, encontra-se a reflexão global da PES I e PES II, que abarca uma meditação e partilha de experiências no decorrer de todos estes meses, representando um balanço geral.

2 ENQUADRAMENTO DA PES II

A Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) é uma unidade curricular, que teve como antecedente a unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada I (PES I), desenvolvida num contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, no segundo semestre do Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Essencialmente prática, a PES II tem como principal objetivo preparar para a docência. Pretendeu-se que os mestrandos ficassem a conhecer o contexto educativo do jardim de infância, as práticas que nele se exercem, refletindo acerca das mesmas e aproveitando-as para o seu futuro. Também se pretendeu que planificassem as suas intervenções no contexto, alcançando conhecimentos acerca de conteúdos curriculares das várias áreas do saber, obtendo experiência didática, dinamizando as suas sessões e correspondendo aos interesses e necessidades da instituição que os recebe. Realizaram-se também ainda reflexões sobre o que fizeram, referindo os pontos fortes e fracos sobre os saberes construídos, assim como se apontaram perspetivas de melhoramento e remediação em experiências futuras.

Desta unidade curricular fizeram parte sete docentes orientadores, sendo que cada um era especializado numa das áreas de saber ou domínios. Estes docentes prestaram apoio durante todo o 3º semestre do curso, no sentido de orientarem quanto às nossas planificações, formas de implementação e reflexões acerca das várias experiências. Rodamos por todos os docentes, sendo que um dia da semana, aquele que estava com o nosso grupo de estágio, deslocava-se à instituição para supervisionar algumas das nossas atividades.

A PES II decorreu num jardim de infância do concelho de Viana do Castelo, tendo sido iniciada a 3 de outubro de 2011 e finalizada a 25 de janeiro de 2012. Durante três dias na semana (segunda, terça e quarta), o par de estágio dirigia-se para o jardim. As três primeiras semanas foram de observação, para nos familiarizarmos com o contexto e conhecermos as práticas existentes e as outras semanas foram de regência. As regências eram feitas individualmente, pelo que cada estagiária regeu durante seis semanas.

Antecipadamente, elaboravam-se as planificações, que eram corrigidas pelo professor supervisor responsável por aquela semana. Nestas, tínhamos o cuidado de incluir atividades diferentes do habitual, consagrando o trabalho em grande e pequeno grupo. Cada semana era iniciada por uma história que interligava todos os conteúdos a trabalhar nessa mesma semana, existindo desta forma um fio condutor interdisciplinar.

A elaboração das planificações teve uma evolução contínua, havendo sempre a preocupação de ter como foco essencial os interesses e as necessidades do grupo, assim como as condições que o jardim nos oferecia. O facto de termos na sala uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE) contribuiu para o nosso conhecimento desta problemática, tendo-se preparado as atividades e os materiais com especial atenção, o que foi muito importante para aumentarmos os nossos conhecimentos e sabermos como agir futuramente em casos como este.

No final de cada uma das semanas de regência, cada uma das mestrandas tinha de fazer uma reflexão semanal por escrito. Posteriormente realizava essa mesma reflexão oralmente, dando especial relevo às atividades assistidas pelo professor supervisor, juntamente com o par de estágio e o professor supervisor da semana em análise. Nos primeiros tempos foi difícil a adaptação a este ritmo de trabalho, porém tudo isto contribuiu para melhorarmos a nossa prática pedagógica.

Esta unidade curricular ajudou-nos a crescer profissionalmente, permitindo pôr em prática todos os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura de Educação Básica e no primeiro semestre do mestrado.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

A instituição na qual se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada II localiza-se no concelho de Viana do Castelo, desfrutando de boas acessibilidades, quer para veículos particulares, quer para transportes urbanos. Apresenta as valências de creche e jardim de infância, sendo que o contexto do presente estudo foi uma sala de crianças com 5 anos de idade.

Esta instituição é composta por três pisos e uma arrecadação subterrânea. No primeiro piso existem duas entradas: uma destina-se à entrada das crianças e de todos os funcionários, e outra, situada junto da cozinha, tem como finalidade a entrada e saída de mercadorias.

É nesse piso que se encontra o jardim de infância, tendo este como principais instalações as escadas que se encontram no hall de entrada principal e um elevador que permite o acesso aos restantes pisos; um gabinete destinado às educadoras de infância; uma sala para as restantes funcionárias; uma casa de banho para adultos; uma sala de receção, onde as crianças de encontram durante a componente não letiva; um refeitório, e três salas de atividades, sendo cada uma destinada a cada uma das três diferentes faixas etárias. Este piso tem, ainda, uma sala de arrumos, uma biblioteca, um dormitório, uma casa de banho para as crianças, uma lavandaria e uma cozinha. É importante realçar que neste piso existe um espaço exterior onde as crianças podem brincar, porém, o tempo a ele destinado é escasso ou quase nulo.

No segundo e terceiro pisos encontra-se a creche com dois berçários, duas salas de atividades de um ano e duas salas de atividades de dois anos. O berçário é composto por dois espaços: um onde as crianças brincam e usufruem de uma grande variedade de materiais, e outro de dormitório.

Ao lado do berçário existem copas de leite. Estes pisos dispõem também de uma casa de banho para crianças e outra para adultos, um fraldário e salas de arrumos. A creche dispõe de um espaço exterior, sendo grande parte deste espaço coberto.

É importante realçar que todo o material e equipamento existentes na instituição estão adaptados ergonomicamente às crianças, incluindo as portadoras de algum tipo de deficiência.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE CRIANÇAS QUE FREQUENTAM A INSTITUIÇÃO

Frequentam a instituição 138 crianças que se distribuem pela creche, que recebe meninos dos quatro meses aos três anos, e pelas três salas de jardim de infância, que acolhe crianças dos três aos seis anos de idade.

Entre educadoras e auxiliares, no jardim de infância o rácio adulto/criança é de 1 para 12 e na creche cerca de 1 para 4, exceto na sala dos 2 anos, que é de 1 para 8.

As crianças são distribuídas pelas salas em função da sua idade, formando grupos homogêneos (em termos de idade). As educadoras e auxiliares acompanham o mesmo grupo desde a sala dos 2 anos até à sua entrada na escolaridade obrigatória.

2.3 PERFIL DO GRUPO DE CRIANÇAS DA SALA DOS 5 ANOS

O grupo de crianças com quem se desenvolveu a PES II é constituído por 18 crianças que completam cinco anos até 31 de dezembro de 2011, à exceção de três crianças que são mais novas um ano.

Todas as crianças já frequentaram a instituição no ano letivo anterior. Três delas entraram para a instituição com 4 meses de idade, tendo frequentado a creche.

Há uma criança com NEE que está a ser seguida por uma educadora de ensino especial e toda uma equipa na retaguarda. Essa criança apresenta um quadro de autismo ainda não definido, com deficiência mental associada.

A maioria das crianças reside em apartamentos nas imediações do jardim de infância e a deslocação para o jardim de infância faz-se, na maioria das vezes, de carro.

Usam diariamente roupas limpas e em bom estado de conservação e verificam-se cuidados por parte dos pais em relação à higiene pessoal dos seus educandos. Nota-se uma certa preocupação em estar presente na educação dos filhos, pois aparecem com uma certa regularidade na instituição para falar com a educadora, querendo saber como estão as crianças e qual a sua evolução. Sempre que são marcadas reuniões a maioria dos pais adere.

As crianças são assíduas e pontuais, sendo que uma grande maioria passa 10 horas na instituição.

Todas as crianças manifestam independência na realização das suas tarefas de higiene. Em termos de preferências, a grande maioria das crianças adora atividades de escolha livre, brincar ao ar livre e jogos. Dominam as regras base de convivência social e de funcionamento do jardim de infância, muito embora este trabalho tenha que ser contínuo.

Observa-se que as brincadeiras das crianças se realizam em pequenos grupos, verificando-se uma grande separação por tipos de atividades. Entre meninos, predominam brincadeiras agressivas que envolvem luta, o que altera a rotina da sala, causando algum reboliço.

2.3.1 O GRUPO DE CRIANÇAS

Segue-se um quadro com a idade das crianças com quem trabalhamos e uma curta caracterização de cada uma.

Quadro 1 - Crianças da sala dos 5 anos

NOME DAS CRIANÇAS	IDADE	CURTA CARACTERIZAÇÃO
AFONSO	5 anos	O Afonso é uma criança muito ativa e interessada. Gosta de explorar e tem conhecimentos pormenorizados acerca de temáticas que despertam o seu interesse.
ALEXANDRE	5 anos	O Alexandre é uma criança bastante imatura, tem pouco poder de concentração e facilmente se distai. É muito afetuoso com os colegas
RITA S.	5 anos	A Rita é uma criança introvertida, pouco participativa mas muito interessada.
BEATRIZ	5 anos	A Beatriz tem uma personalidade forte, tendo um forte espírito de liderança. Desenvolve poucas amizades.
DIOGO	5 anos	O Diogo é uma criança com NEE. Perturba, frequentemente, as atividades pois tem necessidade de chamar a atenção. É carinhoso e tem necessidades de integração.

EUGÉNIA	5 anos	A Eugénia é uma criança brincalhona e alegre, gostando muito de ser o centro de atenções. Dificilmente se concentra nas atividades.
GUSTAVO	5 anos	O Gustavo é muito inteligente; porém, poucos temas despertam o seu interesse, levando-o a optar por comportamentos perturbadores.
INÊS	5 anos	A Inês não é muito participativa nas atividades, embora seja bastante ativa na exploração das ABA. Relaciona-se facilmente com os restantes elementos do grupo.
JOÃO	5 anos	O João é uma criança muito ativa, distraindo muito facilmente os colegas. Tem poucas áreas de interesse e um grupo restrito de amigos.
MAFALDA	5 anos	A Mafalda é muito ativa e participativa. A sua personalidade forte fá-la controlar o grupo. Tem muitos amigos e um sentido de posse muito grande em relação àquilo que entende como sendo seu.
MARIA	5 anos	A Maria é introvertida e pouco participativa. Tem um grupo restrito de amigos porém, integra-se aí como líder.
MATILDE	5 anos	A Matilde é muito inteligente e interessada, além de deter muitos conhecimentos acerca de diversas áreas. Revela-se muito insegura quando é alvo de atenção.
PEDRO	5 anos	O Pedro é muito interessado e gosta de partilhar os seus conhecimentos com os colegas. É uma criança calma e facilmente se relaciona com os restantes elementos do grupo.
RITA C.	5 anos	A Rita é muito introvertida e afetuosa. Participa com gosto nas atividades e é curiosa.
DANIEL	5 anos	O Daniel é muito recatado e pouco participativo. É uma criança interessada e curiosa, porém, não gosta de se expor.
INÊS Q.	4 anos	A Inês tem um espírito elevado de liderança e detém um grupo de amigos muito restrito. Geradora de conflitos, perturba um pouco as sessões. É muito participativa e gosta de aprender.
MARTA	4 anos	A Marta é uma criança afetuosa, mas pouco interessada e com pouco poder de concentração. Está pouco desenvolvida em algumas áreas.
ALEXANDRA	4 anos	A Alexandra é uma criança pouco desenvolvida e interessada. Tem poucos amigos. É muito ativa quando em atividades das ABA.

2.3.2 CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE ATIVIDADES

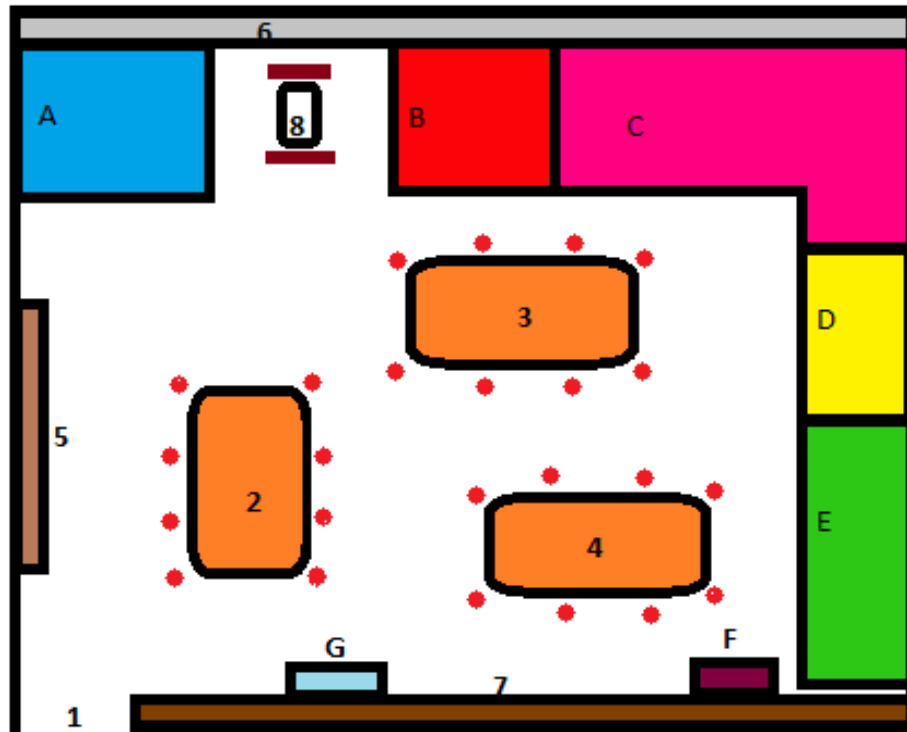


Figura 1 - Planta da sala dos 5 anos

Legenda:

- | | |
|---|-------------------------|
| 1. Porta da sala | A. Área da Biblioteca |
| 2. Mesa de trabalho | B. Área do Supermercado |
| 3. Mesa de trabalho | C. Área da Cozinha |
| 4. Mesa de trabalho e da área dos jogos | D. Área da Casinha |
| 5. Quadro de cortiça | E. Área das Construções |
| 6. Janelas amplas | F. Área dos Jogos |
| 7. Armário de arrumos | G. Área da Plástica |
| 8. Mesa multifunções | |



2.3.3 DESCRIÇÃO DAS ÁREAS DE ATIVIDADE

2.3.3.1 ÁREA DA BIBLIOTECA

A área da biblioteca possui uma estante e um tapete, onde as crianças podem explorar alguns livros. Também possui uma pequena mesa e um sofá com algumas almofadas destinado a atividades repousantes aqui desenvolvidas.

As crianças consultam os livros que querem e, no fim, voltam a colocá-los no sítio.


Quadro 2 - Material da área da Biblioteca

Material da Biblioteca	
<p>Livros de contos</p> <p>Livros sobre animais</p> <p>Livro das novidades</p> <p>Livros de dinossauros</p> <p>Livros de histórias criadas pelas crianças da sala</p> <p>Livro de formas e cores</p>	<div data-bbox="1043 837 1284 1019">  </div> <p data-bbox="1010 1034 1316 1064">Figura 2 - Área da Biblioteca</p> <div data-bbox="1058 1097 1268 1308">  </div> <p data-bbox="1015 1323 1311 1352">Figura 3 - Espaço de leitura</p>

2.3.3.2 ÁREA DO SUPERMERCADO

Esta é a área da sala que, em termos de espaço, é mais pequena. Opera em parceria com a área da cozinha, fornecendo-lhe os alimentos (legumes, frutas, pão, carne, peixe, entre outros).

Quadro 3 - Material da área do Supermercado


Material do Supermercado	
<p>Cadeiras</p> <p>Cesto</p> <p>Materiais de desperdício</p> <p>Frutas de plástico</p> <p>Legumes de plástico</p> <p>Banca e prateleiras</p>	 <p>Figura 4 - Área do Supermercado</p>

2.3.3.3 ÁREA DA COZINHA

Nesta área as crianças podem enriquecer a linguagem oral através da representação das cenas do quotidiano que conhecem.

Esta área caracteriza-se por proporcionar o desenvolvimento de brincadeiras simbólicas.

Quadro 4 - Material da área da Cozinha

Material da Cozinha	
<p>Espelho</p> <p>Fogão com forno em madeira</p> <p>Chávenas</p> <p>Tigelas</p> <p>Talheres de plástico</p> <p>Armários em madeira</p> <p>Pires</p> <p>Canecas</p> <p>Cesto</p> <p>Panelas</p> <p>Prateleiras e locais de arrumos</p> <p>Material de limpeza</p>	 <p>Figura 5- Área da Cozinha</p>

2.3.3.4 ÁREA DA CASINHA

Nesta área as crianças desenvolvem muitas vezes o jogo simbólico, assumindo diversificados papéis.

Quadro 5 - Material da área da Casinha


Material da Casinha	
<p>Roupas e acessórios</p> <p>Bonecos (nenucos, barbies e outros)</p> <p>Fantoches</p> <p>Cama, cómoda e mesa de cabeceira</p> <p>Rádio</p> <p>Bolsas</p> <p>Espelho</p> <p>Penicos</p>	

Figura 6 - Área da Casinha

2.3.3.5 ÁREA DAS CONSTRUÇÕES

A área dos jogos de construção é constituída por um armário de arrumação e por um tapete onde as crianças podem brincar.

Nesta área as crianças podem criar os seus próprios brinquedos a partir do encaixe dos legos, e assim explorar conceitos matemáticos, desenvolver a motricidade fina e dar azo à imaginação e criatividade.

Quadro 6 - Material da área das Construções


Material das Construções	
Legos grandes e pequenos	
Dinossauros	
Pistas, carros e caminhões	
Animais	
Bonecos	
Robôs	

Figura 7 - Área das Construções

2.3.3.6 ÁREA DOS JOGOS

Os jogos de mesa possuem uma área exclusiva para a sua exploração, composta por uma prateleira onde todos os jogos estão guardados e por uma mesa.

Nesta área existem jogos que podem ser realizados individualmente ou em grupo. Este tipo de jogos permite desenvolver a motricidade fina e o raciocínio lógico-matemático, sendo fundamentais para a comparação e nomeação de tamanhos e formas, designação de formas geométricas e distinção entre formas planas e de volume. Através da comparação, classificação, seriação e formação de conjuntos e padrões, a criança desenvolve o seu raciocínio lógico. No final da utilização do jogo cada criança deve voltar a colocar o jogo na prateleira de onde o tirou.

Quadro 7 - Material da área dos Jogos



Material dos Jogos	
Puzzles	
Blocos de sequência	
Dominó	
Mosaicos	
Cubos de encaixe	

Figura 8 - Área dos Jogos


Figura 9 - Prateleira dos jogos

2.3.3.7 ÁREA DE PLÁSTICA

Através da realização de atividades plásticas as crianças têm a oportunidade de se exprimirem sem palavras.

A necessidade que as crianças destas idades têm para este tipo de atividades é inata, e os educadores e os pais devem compreendê-la e apoiá-la.

Quadro 8 - Material da área da Plástica

Material de Plástica	
Marcadores Plasticina Papel autocolante Furador Agrafados Lápis de cor Lápis de cera Plasticina Guaches	 <p data-bbox="863 1021 1276 1081">Figura 10 - Prateleira dos materiais da área de Plástica</p>

3 PLANIFICAÇÕES ORIENTADAS PARA O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Todas as planificações incluíram diariamente um tempo destinado às ABA, contudo foram escolhidas duas planificações orientadas especificamente para o trabalho de investigação. A primeira contempla o início da exploração livre das ABA, realizada às quartas-feiras, em que as crianças desfrutaram de um intervalo de tempo nas ABA, sem restrições ou qualquer impedimento. Pretendeu-se desta forma que as crianças usufruíssem das áreas, de modo a recolher dados acerca da taxa de ocupação das mesmas, sem os condicionalismos presentes no modo habitual de gerir as ABA (a existência de um número limite de crianças por área).

Na segunda planificação constou a filmagem do meu estudo, onde foram recolhidos elementos audiovisuais essenciais para uma posterior análise de dados.

Mestrando: Tânia Cunha (nº3906)		Ano/Turma: Sala dos 5 anos	Período: 1º	Dias: 28, 29 e 30 de novembro de 2011	
Áreas/ Domínios	Competências/ Objetivos específicos	Desenvolvimento das atividades		Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
Área de	Desenvolver hábitos	<u>2ª Feira</u>		Sala de	Mostra capacidade de
		<u>Manhã</u> A estagiária traz um peixinho vivo para a sala. Quando as crianças chegam, deixa que observem livremente. Este facto marca o início do tema: O Mar.			
		<u>Rotina</u> Logo no início da manhã as crianças recebem um lanche e elegem o “chefe			

Formação Pessoal e Social	<p>de participação e colaboração nas atividades diárias;</p> <p>Promover hábitos de organização;</p> <p>Preencher tabelas de dupla entrada;</p> <p>Promover a autonomia e responsabilidade;</p> <p>Desenvolver o sentido de número através da contagem;</p> <p>Desenvolver noções temporais;</p> <p>Observar o tempo atmosférico;</p>	<p>do dia” e contam as suas novidades.</p> <p>Em seguida, observam o quadro das tarefas e tomam conhecimento das várias atividades a realizar ao longo do dia.</p> <p>- Marcação de presenças</p> <p>O chefe desloca-se ao quadro de presenças. Atribui bolinhas verdes aos meninos presentes, e vermelhas aos restantes. Posteriormente, faz a contagem das crianças que estão presentes e das que faltam.</p> <p>“- Há mais meninos na sala ou em casa? Porquê?”</p> <p>- Canção dos bons dias</p> <p>Em grande grupo cantam a canção dos bons dias, seguindo-se um pequeno diálogo.</p> <p>Cada criança é incentivada a contar uma novidade ou curiosidade à sua escolha.</p> <p>- Calendário</p> <p>O grupo identifica o dia da semana e do mês, em sequência com o dia anterior, recorrendo a um calendário</p> <p>- Registo do estado do tempo</p> <p>O grupo observa o estado do tempo, fazendo uma correspondência entre os símbolos e a observação por ele efetuada. Depois disso, coloca os símbolos no quadro semanal, fazendo a correspondência entre o dia da semana e o</p>	<p>atividades:</p> <p>Tapete</p> <p>Quadro de presenças</p> <p>Calendário</p> <p>Cartões com estados de tempo</p>	<p>iniciativa para se expressar acerca de algo que ache pertinente;</p> <p>Permanecem atentos;</p> <p>Marca corretamente a presença intersetando linha e coluna;</p> <p>Reconhece o nome dos colegas;</p> <p>É autónomo e responsável;</p> <p>Conta o número de presenças e ausências no mapa;</p> <p>Participa ativamente nas atividades de rotina;</p> <p>Cumpre as regras;</p> <p>Identifica o dia da semana e do mês acertadamente;</p> <p>Faz corresponder corretamente o tempo observado ao símbolo;</p>
----------------------------------	--	--	--	--

		tempo observado.		
Área de Expressão e Comunicação	Desenvolver a compreensão leitora; Fomentar o gosto pela leitura;	<u>Leitura da história “Menina do Rio” do livro “Conta a Canção” de Albertina Fernandes:</u> As crianças sentam-se numa manta onde constam cartões com figuras de vários animais aquáticos (Anexo 1). Depois a estagiária pedirá aos alunos para dizerem de que animais se tratam e dir-lhes-á que irão ler uma história sobre o mar.	Livro “Conta a Canção” de Albertina Fernandes	- Está atento e interessado; - Participa no diálogo; - Menciona alguns animais aquáticos que conhece;
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Estimular a comunicação; Enriquecer o vocabulário;	Depois da exploração do nome do livro, da capa, do autor e de algumas imagens do livro a estagiária lê a história pausadamente. De seguida, coloca algumas questões sobre o lido (anexo 2).		
Expressão Musical	Perceber o sentido da história retratada; Desenvolver o conhecimento acerca de animais marinhos; Cantar o refrão corretamente;	No fim, ouvem uma pequena canção sobre a história e cantam o refrão. Para a aprendizagem deste último, os alunos irão ouvir a música na totalidade, depois repetirão o refrão frase a frase e na totalidade. Estas atividades servirão de ponto de partida para que a estagiária possa abordar o tema da água e dos animais aquáticos.		
Domínio da Expressão Plástica	Estimular a criatividade; Fomentar atitudes de partilha e cooperação;	<u>Construção do nosso animal marinho:</u> A estagiária pede às crianças que desenhem em cartolina o seu animal marinho favorito, que o recortem e depois o pintem e/ou decorem com materiais à sua escolha (purpurinas, pedaços de papeis coloridos e tecidos). Todos os animais construídos irão fazer parte de móveis a expor na sala de aula.	Cartolinas Tesouras Marcadores Purpurinas Vários tipos de papel	- Constrói o animal marinho que idealizou; - É criativo;

Área de Formação Pessoal e Social	Proporcionar momentos de aprendizagem e brincadeira livre; Fomentar o gosto pela leitura; Promover o jogo simbólico;	<p><u>Exploração das ABA (Áreas Básicas de Atividade)</u></p> <p>A estagiária vai perguntando, individualmente, para qual área cada criança quer ir.</p> <p>As áreas são: área da biblioteca; área da plástica; área dos jogos; área da casinha; área da cozinha; área do supermercado; e área das construções.</p> <p>Na área das construções, a estagiária mostrará diferentes ambientes marinhos (anexo 7) e as crianças terão de tentar reproduzi-los, com Legos (algumas rochas, plantas ou outra coisa das imagens) e brincar com seus animais marinhos favoritos nos cenários construídos, dramatizando situações.</p> <p>As estagiárias irão apoiar as crianças nas diversas áreas, de forma a ajudá-las na realização das atividades.</p>	Tecidos Áreas da sala de atividades Cartões com figuras da história	- É autónomo; - Mostra capacidade de iniciativa; - Mostra interesse e empenho na atividade que está a desenvolver; - Interage e respeita os colegas;
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Matemática	Trabalhar a decomposição do número; Decompor um número estabelecido; Registrar de que forma um número pode ser	<p><u>Tarde</u></p> <p><u>Decompondo:</u></p> <p>A estagiária pede que se juntem em pares e dá a cada grupo dois aquários e nove peixinhos (anexo 5).</p> <p>Coloca a seguinte questão:</p> <p>-Tenho 9 peixes e quero colocá-los nos dois aquários. De quantas maneiras posso fazer?</p> <p>Pede aos alunos que registem com o seu material a forma como dividiam os</p>	- Aquários desenhadas em papel; - Imagens de aquários e peixes; - Lápis;	- Reconhece o número estabelecido; - Decompõe o número de forma correta; - Regista corretamente a forma como pensou; - Regista corretamente o

<p>Área de Formação Pessoal e Social</p>	<p>decomposto; Associa o número ao total de elementos do conjunto;</p> <p>Promover a importância da avaliação de situações, ações e atitudes; Descrever resumida e sequencialmente o que aconteceu durante o dia;</p>	<p>peixinhos. Cada aluno explica aos colegas como dividiu e coloca no quadro de cortiça o seu material. Depois de todas as crianças terem afixado, a estagiária pergunta se estão todos iguais e porquê. Depois experimenta-se outros números de peixinhos.</p> <p>Avaliação: No final do dia, com as crianças reunidas em grande grupo, é realizada a avaliação do dia. Esta avaliação é feita pelas crianças que foram responsáveis pelas tarefas daquele dia. As crianças resumem o que foi feito durante o dia e analisam o que correu bem e o que correu mal.</p>		<p>número obtido;</p> <p>- Descreve sequencialmente as atividades realizadas durante o dia; - Identifica as situações que correram melhor durante o dia; - Respeita as intervenções dos colegas;</p>
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área da Expressão e Comunicação</p>	<p>Relembrar as regras e formas de funcionamento da sessão;</p>	<p><u>3ª feira</u></p> <p>Manhã Rotina: Permanece igual a segunda-feira.</p> <p>Motricidade A estagiária relembra as regras e a forma como se devem comportar (quando a estagiária apitar as crianças terão de parar onde estão e escutar o pedido).</p>		<p>- Relembra as regras da aula;</p>

Domínio da Expressão Motora	Predispor o organismo para a atividade a desenvolver;	<p>Parte inicial</p> <p>Os alunos correm livremente pelo espaço, como pequenos peixinhos, e a estagiária, o tubarão, tenta apanhá-los. Quando lhes tocar eles juntam-se a ela e, de mãos dadas, vão juntos apanhar os restantes colegas.</p>		<p>- Participa ativamente na actividade de aquecimento.</p>
	Promover jogos de movimento e cooperação;	<p>- Jogo dos peixes -</p> <p>A estagiária pede para as crianças se sentarem no chão e explica o jogo: “Vamos imaginar que alguns de nós são pescadores e outros são peixinhos. Então os pescadores que eu chamar vão dar as mãozinhas uns aos outros de maneira a formar uma espécie de rede para não deixar passar os peixinhos. Agora, os outros meninos, que vão ser os peixinhos vão ter que tentar fugir. Os peixinhos têm de passar por baixo dos braços dos pescadores sem se deixarem apanhar. Mas atenção peixinhos, nós, os pescadores, vamos escolher um número secreto. Contamos em voz alta e quando atingirmos o número que escolhemos vamos baixar os braços e os peixes apanhados na rede vão-se tornar pescadores”.</p>		<p>- Ouve atentamente a explicação da estagiária;</p> <p>- Participa na actividade com motivação e entusiasmo;</p> <p>- Apanha peixinhos;</p> <p>- Escapa dos pescadores;</p> <p>- Respeita as regras do jogo;</p>
	Trabalhar a percepção espacial e o equilíbrio; Fomentar o sentido de cooperação e entreajuda; Estimular o espírito de	<p>- Sem derramar uma gota -</p> <p>Para esta atividade a estagiária enche 4 baldes de água e coloca-os na linha de partida. A uma determinada distância coloca 4 baldes vazios e com unidades de medida marcadas. Após isso forma 4 equipas de 3 elementos e pede-lhes para se colocarem em fila indiana atrás de linha demarcada no chão. À primeira criança da fila entrega um copo e diz-lhe que terão 3</p>	<p>- 8 Baldes;</p> <p>- 4 Copos;</p> <p>- 4 Bancos suecos;</p> <p>- Água;</p>	<p>- Manifesta uma atitude positiva e participativa face à actividade;</p> <p>- Realiza rapidamente o exercício;</p> <p>- Revela sentido de cooperação e entreajuda;</p>

	equipa;	<p>minutos para realizar o exercício.</p> <p>Ao sinal, a primeira criança enche o copo de água, corre para deitar a água no balde que se encontra do lado oposto, regressa e entrega o copo ao colega seguinte, este enche o copo e assim sucessivamente. Durante o caminho, terão que andar por cima do banco sueco. A equipa que no fim dos 3 minutos tiverem maior quantidade de água ganha.</p>		<p>- Consegue juntar a maior quantidade de água possível;</p> <p>- Cumpre as regras do jogo;</p> <p>- Retorna à calma</p>
	Retornar à calma	<p>A estagiária coloca uma música onde se houve apenas o bater das ondas do mar e expõe as crianças à seguinte situação:</p> <p>“Imaginem que estão na praia, deitados na vossa toalha, que estão muito sossegadinhos e com preguiça. Vamo-nos espreguiçar... Que bom é estar assim na praia... Entretanto adormecemos e quando damos conta sentimos algo que vai e vem a bater nos nossos pés. É a maré que subiu, por isso, vamos lá acordar e ir para casa...”</p>	<p>- Leitor de áudio;</p> <p>- Cd;</p>	
Área do Conhecimento do Mundo	<p>Nomear locais onde se encontra a água e saber para que serve;</p> <p>Explorar o comportamento de diferentes materiais na água;</p>	<p>Com as crianças reunidas em grande grupo, a estagiária coloca questões às crianças:</p> <p>- “Onde se encontra água?” (Em casa: na torneira da cozinha, da casa de banho, ...; na natureza: no mar, na ribeira, na chuva, ...).</p> <p>- “Para que serve?” (Beber; lavar a loiça, a roupa e os alimentos; cozinhar os alimentos; regar o jardim; tomar banho, ...).</p> <p>À medida que as crianças vão respondendo a estagiária vai registando numa folha A3.</p>	<p>Bola pequena</p> <p>Bonecos pequenos</p> <p>Rolhas</p> <p>Tampas</p> <p>Garrafas</p> <p>Folhas</p> <p>Papel</p>	<p>- Participa ativamente no diálogo;</p> <p>- Respeita a opinião dos colegas;</p>

Área de Formação Pessoal e Social	Proporcionar momentos de aprendizagem e brincadeira livre; Desenvolver a motricidade fina; Promover a exploração e a descoberta; Fomentar atitudes de partilha e cooperação;	<p>Depois deste diálogo a estagiária põe alguns recipientes com água na sala e coloca junto aos mesmos variados materiais (bola pequena, bonecos pequenos, rolhas, tampas, garrafas, folhas, papel...), com os quais as crianças poderão brincar e explorar o seu comportamento na água, durante as ABA.</p> <p><u>Exploração das ABA</u></p> <p>A estagiária vai perguntando, individualmente, para qual área cada criança quer ir.</p> <p>As áreas são: área da biblioteca; área da plástica; área dos jogos; área da casinha; área das construções; área da cozinha; e, área do supermercado.</p> <p>Na área da plástica será pedido às crianças para construírem diferentes espécies marinhas, para construirmos um painel.</p> <p>As estagiárias irão apoiar as crianças nas diversas áreas, de forma a ajudá-las na realização das suas atividades.</p>	Áreas da sala de atividades Cartões com figuras da história	- É autónomo; - Mostra capacidade de iniciativa; - Mostra interesse e empenho na atividade que está a desenvolver; - Constrói figuras que correspondem à temática pedida;
Área de Conhecimento do Mundo	Explorar o comportamento de diferentes materiais na água; Fomentar o diálogo acerca do assunto; Estimular a curiosidade	<p><u>Tarde</u></p> <p><u>Flutua ou afunda:</u> A estagiária faz uma breve abordagem do que é flutuar e afundar. À medida que a estagiária apresenta cada um dos materiais vai colocando algumas questões, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é isto? - Onde o podemos encontrar? - É leve ou pesado? <p>A estagiária pede às crianças para dizer as suas previsões e depois dá início à</p>	- Recipiente com água; - Prego; - Mola da roupa; - Lápis de cor; - Lego;	- Ouve atentamente a explicação da estagiária; - Revela curiosidade aquando da exploração; - Participa ativamente no diálogo; - Respeita a vez dos

<p>Área de Formação Pessoal e Social</p>	<p>e as emoções; Preencher a tabela de acordo com o observado;</p> <p>Reconhecer alguns animais marinhos.</p>	<p>experiência, colocando um recipiente com água na mesa, de forma que todas as crianças possam visionar facilmente.</p> <p>Por exemplo: uma criança pega no prego e a estagiária pergunta às crianças o que acham que vai acontecer quando o material for colocado na água, seguindo esse procedimento para todos os materiais.</p> <p>A par disto, está afixada uma tabela no quadro de cortiça para se colocar o resultado obtido (anexo 4).</p> <p><u>Puzzles de animais marinhos:</u> Divididas por grupos as crianças têm de completar puzzles (anexo 6), nomeando os animais marinhos contidos no mesmo. O grupo a acabar primeiro de completar o seu puzzle ganha 1 ponto. Depois trocam-se de puzzles entre grupos.</p> <p><u>Avaliação:</u> Permanece igual a segunda-feira.</p>	<p>- Moeda; - Borracha; - Rolha; - Tabelas;</p> <p>Puzzles</p>	<p>colegas;</p> <p>- Faz uma previsão do que vai acontecer; - Observa atentamente a experiência realizada; - Preenche corretamente a tabela;</p> <p>Constroem corretamente o puzzle.</p>
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p>		<p style="text-align: center;"><u>4ª feira</u></p> <p>Manhã</p> <p><u>Rotina</u> Permanece igual a segunda-feira.</p>		
<p>Área da</p>	<p>Organizar conjuntos;</p>	<p><u>Vamos organizar:</u> A estagiária inicia uma conversa onde diz às crianças que</p>	<p>Caixas</p>	<p>- Classifica os objetos de</p>

<p>Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da Matemática</p>	<p>Classificar objetos de acordo com as formas, as cores e os tamanhos;</p> <p>Promover o espírito de grupo;</p> <p>Desenvolver o sentido de número;</p> <p>Visualizar diferentes representações do mesmo número;</p>	<p>ontem teve a organizar todo o material para o dia de hoje, colocou tudo dentro de caixinhas, organizadinho, mas as tampas abriram e misturou-se tudo, então pede-lhes que a ajudem a organizar tudo. Os animais aquáticos que estão em cartões circulares para uma caixa, os que estão em cartões quadrados para outra, em cartões retangulares para outra e em triangulares para outra (os animais utilizados serão os mesmos dos cartões de segunda feira (anexo 1)).</p> <p>Com tudo separado já é possível fazer a atividade. É distribuído um cartão por cada criança.</p> <p>Primeiramente, é pedido que se juntem todos os quadrados, depois os triângulos, os retângulos e os círculos.</p> <p>Os grupos desfazem-se e posteriormente juntam-se pela cor da sua forma. Depois, é explicado às crianças que cada cartão (anexo 8), na outra face tem um certo número de pintas, então a estagiária pede que cada aluno pegue no seu cartão e veja quantas pintas tem, associando a quantidade de pintas a cartões com o número correspondente.</p> <p>Depois pede para se juntarem em pares, juntar as pintas de um e outro cartão e associarem ao cartão do número, experimentando diferentes pares.</p> <p>Depois, a estagiária pergunta o porquê de ninguém ter escolhido o cartão com o número 1, para ver se as crianças dizem que a mínima soma possível é de 2 (1+1), por isso ninguém podia ter escolhido aquele cartão</p> <p>Posteriormente a estagiária pede que se juntem pelo número de pintas que tem o seu cartão.</p>	<p>Cartões</p>	<p>acordo com as formas, as cores e os tamanhos;</p> <p>- Colabora com o seu grupo na realização da tarefa;</p> <p>- Identifica o grupo a que pertence, de acordo com o critério estabelecido;</p>
--	---	---	----------------	--

Domínio da Expressão Musical	Cantar corretamente a canção aprendida.	<u>Relembrar a canção “Menina do Rio”:</u> Os alunos relembram a canção e a coreografia.	-Cd;	Cantam corretamente;
Área de Formação Pessoal e Social	Proporcionar momentos de aprendizagem e brincadeira livre; Promover a exploração e a descoberta; Fomentar o gosto pela leitura;	<u>Exploração das ABA</u> A estagiária vai perguntando, individualmente, para qual área cada criança quer ir. As áreas são: área da biblioteca; área da plástica; área dos jogos; área da casinha; área das construções; área da cozinha; e, área do supermercado. A partir desta semana, à quarta-feira não existem atividades direcionadas nas áreas nem número limite de crianças por área, para realização do meu estudo.	Áreas da sala de atividades Cartões com figuras da história	- É autónomo; - Mostra capacidade de iniciativa; - Mostra interesse e empenho na atividade que está a desenvolver; - Interage e respeita os colegas;
Área do Conhecimento do Mundo	Enfatizar um ambiente de faz-de-conta; Despertar a curiosidade e a imaginação;	<u>Tarde</u> <u>Carta do amigo imaginário (anexo3):</u> Com as crianças organizadas em grande grupo, a estagiária começa por questioná-las relativamente a algo de diferente que elas tenham encontrado na sala. Quando as crianças disserem que está lá um envelope a estagiária pergunta se elas querem saber porque é que aquele envelope está ali e quem o enviou. Entretanto, ao pegar no envelope, a estagiária mostra que este tem areia, talvez seja uma pista. De seguida, diz às crianças que o envelope é dirigido aos meninos daquela sala. Para abrir a carta mistério têm de responder à seguinte pergunta: De quantas	- Envelope; - Carta; - CD; - Leitor de áudio;	- Está motivado, interessado e curioso; - Está atento;

	Reconhecer os diferentes estados físicos da água na natureza;	<p>formas/estados físicos encontramos a água na natureza?</p> <p>Depois de responderem à pergunta, com alguma ajuda, através de uma conversa e de alguns exemplos, desafia-as a fecharem os olhos e estarem caladinhos para serem capazes de imaginar como é que é este amigo. Pede aos alunos que realizem um desenho acerca de quem pensam que é este amigo imaginário.</p> <p>Avaliação:</p> <p>Permanece igual e segunda-feira.</p>		- Reconhece os diferentes estados físicos da água.
--	---	--	--	--

Mestrando: Tânia Cunha (nº3906)		Ano/Turma: Sala dos 5 anos	Período: 1º	Dias: 12,13 e 14 de dezembro de 2011	
Áreas/ Domínios	Competências/ Objetivos específicos	Desenvolvimento das atividades		Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
Área de Formação Pessoal e Social		<div>2ª Feira</div> <div>Manhã</div> <div>Rotina</div>			
	Desenvolver hábitos de participação e colaboração nas atividades diárias;	Logo no início da manhã as crianças recebem um lanche e elegem o “chefe do dia” e contam as suas novidades.		Sala de atividades:	Mostra capacidade de iniciativa para se expressar acerca de algo que ache pertinente;
	Promover hábitos de organização;	Em seguida, observam o quadro das tarefas e tomam conhecimento das várias atividades a realizar ao longo do dia.		Tapete	Marca corretamente a presença intersectando linha e coluna;
	Preencher tabelas de dupla entrada;	- Marcação de presenças		Quadro de presenças	Reconhece o nome dos colegas;
	Promover a autonomia e responsabilidade;	O chefe desloca-se ao quadro de presenças. Atribui bolinhas verdes aos meninos presentes, e vermelhas aos restantes. Posteriormente, faz a contagem das crianças que estão presentes e das que faltam.			Conta o número de presenças e ausências no mapa;
Desenvolver o sentido de número através da contagem;	“- Há mais meninos na sala ou em casa? Porquê?”				
		- Canção dos bons dias			

	Desenvolver noções temporais;	O grande grupo canta a canção dos bons dias, seguindo-se um pequeno diálogo. Cada criança é incentivada a contar uma novidade ou curiosidade à sua escolha.	Calendário	Participa ativamente nas atividades de rotina;
	Observar o tempo atmosférico;	- Calendário O grupo identifica o dia da semana e do mês, em sequência com o dia anterior, recorrendo a um calendário	Cartões com estados de tempo	Cumprir as regras; Identifica o dia da semana e do mês acertadamente;
		- Registo do estado do tempo O grupo observa o estado do tempo e faz a correspondência com os símbolos convencionados. Depois disso, coloca os símbolos no quadro semanal, fazendo a correspondência entre o dia da semana e o tempo observado.		Faz corresponder corretamente o tempo observado ao símbolo;
Área da Expressão e Comunicação	Desenvolver a compreensão leitora;	<u>Leitura do livro “Pedro e o pinheirinho de Natal” de Sandrine Deredel Rogeon:</u> as crianças sentam-se numa manta onde constam elementos de Natal decorativos.	Livro “Pedro e o pinheirinho de Natal” de Sandrine Deredel Rogeon	-Está atento e interessado;
Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita	Fomentar o gosto pela leitura;	Depois a estagiária pedirá aos alunos para dizerem de que se tratam as coisas espalhadas e dir-lhes-á que irão ler uma história que se chama “Pedro e o pinheirinho de Natal”.		- Participa no diálogo;
	Estimular a comunicação;	Depois da exploração do nome do livro, da capa, do autor e de algumas imagens do livro, a estagiária lê a história pausadamente.		-Responde corretamente às perguntas;
	Enriquecer o vocabulário;	Seguir-se-á uma conversa com as crianças acerca dos acontecimentos presentes na história, colocando a estagiária questões sobre a mesma (Anexo 1).		
	Fomentar o espírito crítico;			
Domínio da Expressão Musical	Cantar corretamente a canção;	<u>Canção: O Natal</u> É mostrado às crianças um vídeo com uma música de Natal. Posteriormente, para que as crianças aprendam a música, trabalha-se a sua letra	Computador Colunas	Cantam a canção; Respeitam aquilo que é pedido;

<p>Área de Formação Pessoal e Social</p>	<p>Proporcionar momentos de aprendizagem e brincadeira livre;</p> <p>Fomentar atitudes de partilha e cooperação;</p> <p>Estimular a criatividade;</p> <p>Promover o jogo simbólico;</p>	<p>frase a frase, sem acompanhamento da música. À medida que a letra vai sendo aprendida, a estagiária põe o CD para que as crianças cantem já com o acompanhamento musical e depois também com palmas. Após a música estar aprendida ensaiamos uma coreografia para a música.</p> <p><u>Exploração das áreas (sala de atividades)</u></p> <p>A estagiária vai perguntando, individualmente, para qual área cada criança quer ir. As áreas são: área da biblioteca; área da plástica; área dos jogos; área da casinha; área das construções; área da cozinha; e, área do supermercado.</p> <p>Durante esta semana estarão disponíveis na área dos jogos, durante a exploração das ABA um puzzle, um dominó e um jogo de descoberta das diferenças, com a temática do Natal (Anexo 7).</p> <p>Na área dos trabalhos manuais as crianças irão construir, individualmente, um pinheirinho. Este tem como base um cone de linhas. Irão enfeitar com fitas, lã e uma estrela (feita em cartolina).</p> <p>As estagiárias irão apoiar as crianças nas diversas áreas, de forma a ajudá-las na realização das suas atividades.</p>	<p>Áreas da sala de atividades</p> <p>Cones</p> <p>Fitas</p> <p>Lã</p> <p>Cartolina</p>	<p>- É autónomo;</p> <p>- Mostra capacidade de iniciativa;</p> <p>- Mostra interesse e empenho na atividade que está a desenvolver;</p> <p>- Interage e respeita os colegas;</p> <p>- É criativo;</p>
<p>Área de Expressão e Comunicação</p>	<p>Expressarem-se livremente;</p> <p>Utilizar técnicas novas não convencionais de</p>	<p><u>Tarde</u></p> <p><u>Digitinta com mousse de chocolate:</u> nas mesas será colocada mousse de chocolate. Primeiramente serão mostrados desenhos de outros meninos que utilizaram esta técnica (anexo 2), para as crianças perceberem e se aproximarem do trabalho que irão desenvolver.</p>	<p>Mousse de chocolate</p>	<p>Exprimem-se livremente;</p> <p>Usam o dedo para se expressar, libertando-se durante esta técnica e</p>

Domínio da Expressão Plástica	expressão para explorar sensações; Explorar a expressividade da linha e da forma;	<p>Serão mostradas obras de Joan Miró (Anexo 8), explorando elementos da gramática visual que as crianças poderão associar à festividade/celebração de Natal.</p> <p>Será explicado que irão fazer um desenho livre, dentro da temática Natal, na mousse de chocolate. No final do desenho, ou das marcas de linhas diversas e pontos grandes e pequenos como bolas de Natal, a estagiária põe uma folha e o desenho fica gravado na mesma. Seguidamente vale lambear os dedos.</p> <p>No fim, as crianças falam sobre o que fizeram, e o grupo observa que tipo de marcas, formas surgiram (grandes/pequenas, lisas/enrugadas, horizontais/verticais, vazias/cheias, finas/grossas, direito(a)/curvo(a), relacionado com o Natal/ sem qualquer relação, etc.).</p>		experienciando novas sensações.
Domínio da Matemática	Reconhecer os números; Estabelecer uma ordem;	<p>O Pai Natal: a estagiária dá a cada criança uma folha, onde terão de unir os números, por ordem, de forma a completarem a cara do pai natal. Paralelamente, haverá outra folha, onde cada número estará associado a uma cor. As crianças terão de pintar o Pai Natal de acordo com a cor correspondente ao número daquela parte (Anexo 3).</p>	18 folhas de trabalho de cada um	Completar o rosto do pai Natal, unindo os números de forma ordenada.
Área de Formação Pessoal e Social	Promover a importância da avaliação de situações, ações e atitudes; Descrever resumida e	<p>Avaliação:</p> <p>No final do dia, com as crianças reunidas em grande grupo, é realizada a avaliação do dia. Esta avaliação é feita pelas crianças que foram responsáveis pelas tarefas daquele dia. As crianças resumem o que foi feito da parte da manhã, o que foi feito da parte de tarde e analisam o que correu bem e o que correu mal durante o</p>		- Descrever sequencialmente as atividades realizadas durante a manhã;

	sequencialmente o que aconteceu durante o dia; Identificar as situações boas e menos boas ocorridas durante o dia;	dia. É dada também a oportunidade de exporem algum assunto que considerem importante para avaliação.		- Descreve sequencialmente as atividades realizadas durante o dia; - Respeita as intervenções dos colegas;
--	---	--	--	---

Área de Formação Pessoal e Social		<u>3ª Feira</u> <u>Manhã</u> <u>Rotina</u> Permanece igual a segunda-feira.		
Área de Expressão e Comunicação	Desenvolver habilidades de locomoção e posturais;	<u>Motricidade</u> A estagiária começa por definir algumas regras, tais como: durante a aula está a tocar uma música de fundo e quando a estagiária apitar as crianças terão de parar onde estão e escutar o pedido da estagiária.	- MP4; - Colunas; - Coroa; - Arcos;	- Está atento para ouvir a explicação da estagiária; - Respeita as regras estabelecidas;
Domínio da Expressão	Predispor o organismo para a atividade a	<u>Parte inicial:</u> “O Pai Natal manda” - A estagiária diz que têm de obedecer às ordens do Pai Natal. A estagiária faz as primeiras vezes para as crianças aprenderem.		- Reage atempadamente ao estímulo;

Motora	<p>desenvolver; Trabalhar a percepção espacial;</p> <p>Desenvolver noções topológicas;</p> <p>Desenvolver o equilíbrio; Desenvolver a habilidade motora saltar;</p>	<p><u>“À procura do arco colorido”</u> - As crianças correm livremente pelo espaço e quando o Pai Natal disser em voz alta o nome de uma cor, as crianças têm de se deslocar para o interior do arco com a cor mencionada.</p> <p><u>Parte fundamental:</u> De seguida, o rei manda fazer alguns exercícios com o arco, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saltar para dentro ou para fora do arco, consoante a ordem; - Só um pé dentro do arco e o outro fora; - Apoiar-se só num pé dentro do arco e o outro no ar; - Saltar 5 vezes com um pé, depois com o outro e depois com os dois dentro do arco; - Arco à frente; - Arco em cima; - Arco na mão esquerda; - Arco na mão direita; - Passar o corpo dentro do arco a começar pela cabeça e depois pelos pés; <p><u>“Os troncos da ribeira”</u> – A estagiária organiza os arcos pelo chão, formando 4 filas paralelas. As crianças têm de passar pelo interior dos arcos a pé-coxinho na ida e saltar a pés juntos na volta. Os arcos representam troncos que elas têm de saltar para não cair à água.</p>	Arcos	<ul style="list-style-type: none"> - Desloca-se rapidamente para o interior do arco da cor referida; - Executa os movimentos estabelecidos; - Completa o percurso mudando de pé. <p>- Salta para a frente, com saída do solo, mantendo os dois pés juntos, o equilíbrio e queda a dois</p>
--------	---	--	-------	---

	Retornar à calma;	<p><u>Parte final:</u> Para finalizar a sessão, a estagiária diz que cada criança deverá estar dentro de um arco. Depois, ao som de uma música, as crianças terão de fazer movimentos como se fossem uma boneca. A estagiária faz os movimentos para as crianças imitarem.</p>		<p>pés;</p> <p>- As crianças retornam à calma;</p>
<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio da Expressão Plástica</p> <p>Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>Domínio da Matemática</p>	<p>Aperfeiçoar a técnica de picotagem;</p> <p>Reconhecer letras e desenvolver grafismos;</p> <p>Desenvolver noções espaciais;</p> <p>Reconhecer diferentes formas e associar-lhes uma cor;</p>	<p><u>As estações do Pai Natal:</u> as crianças serão divididas em três grupos. Cada grupo desempenhará trabalhos diferentes, com a temática do Natal. A estagiária explica a cada grupo as tarefas a desenvolver e distribui diferentes trabalhos, dentro do mesmo grupo (Anexo 5). Cada criança não terá de desenvolver os trabalhos todos mas, pelo menos, um por cada estação (dependendo do tempo que demorem na realização de cada um dos trabalhos poderão desenvolver mais ou menos trabalhos),</p> <p>A estagiária distribui os diferentes trabalhos, mais ou menos complexos, de acordo com o patamar de desenvolvimento, em que se encontra cada criança. As mais novas terão, dentro de cada estação, os trabalhos mais fáceis.</p> <p>Cada estação tem objetivos diferentes, visando desenvolver uma determinada área das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.</p>	Material de cada estação	<p>Picotam pela linha;</p> <p>Reconhecem palavras;</p> <p>Realizam grafismos;</p> <p>Reconhecem as formas e a respetiva cor;</p> <p>Mostra possuir noções espaciais;</p>
Área de Formação	Proporcionar momentos de aprendizagem e	<p><u>Exploração das áreas (sala de atividades)</u></p> <p>A estagiária vai perguntando, individualmente, para qual área cada criança quer ir.</p>	Áreas da sala de	<p>- É autónomo;</p> <p>- Mostra capacidade de</p>

Pessoal e Social	brincadeira livre; Desenvolver a motricidade fina; Promover a exploração e a descoberta; Fomentar atitudes de partilha e cooperação; Estimular a criatividade; Fomentar o gosto pela leitura; Promover o jogo simbólico;	As áreas são: área da biblioteca; área da plástica; área dos jogos; área da casinha; área das construções; área da cozinha; e, área do supermercado. Na área dos trabalhos manuais, realizar-se-á a construção de um grande pinheiro natalício com cones de linhas para expor. Em paralelo, construir-se-á também o presépio, com figuras pintadas e recortadas pelas crianças (Anexo 6). As estagiárias irão apoiar as crianças nas diversas áreas, de forma a ajudá-las na realização das suas atividades. Durante a exploração das áreas realizar-se-á uma filmagem prévia para deteção dos melhores ângulos e familiarização das crianças com a câmara, para preparar a filmagem do estudo.	atividades Cartões com figuras da história	iniciativa; - Mostra interesse e empenho na atividade que está a desenvolver; - Interage e respeita os colegas; - É criativo; - Pega com o polegar e o dedo indicador (pinça). O pincel é apoiado na primeira articulação do dedo médio;
	Área de Expressão e Comunicação Trabalhar a construção do conceito de direito e esquerdo Fomentar a lateralidade;	<u>Tarde</u> <u>Mão direita e pé esquerdo:</u> A estagiária começa por referir diversas tarefas e as crianças terão de dizer com que mão ou com que pé fazem essa mesma tarefa, em função de ser direitas ou esquerdinas, elas identificarão o lado que usam mais. Depois a estagiária pedirá que identifiquem partes do corpo, por exemplo a orelha direita, a perna esquerda, o ombro direito, a narina esquerda... por último a mão direita e o pé esquerdo. Após todos identificarem o lado direito e o lado esquerdo, cada criança irá pintar num painel a sua mão direita e o seu pé esquerdo. Nesse mesmo painel haverá também um pinheiro, feito através de cápsulas de café, coladas pelos alunos.	Papel S.Norte Tintas Jornal Guaches Panos	Identificar o direito e esquerdo. Identificar e reconhecer diferentes partes do corpo;

Domínio da Expressão Musical	Cantar a música; Marcar o ritmo definido pela estagiária;	<u>Relembrar a canção de Natal</u> ”: A estagiária pergunta se se lembram da canção que aprendemos sobre o Natal. Depois crianças ouvem a canção na totalidade, marcando o ritmo que a estagiária sugeriu, um ostinato, através de alguns instrumentos musicais (castanholas, maracas, sinos e bombo). Posteriormente cantam e realizam a coreografia.	Leitor de cd Cd	- Permanecerem atentos e motivados; - Cantam a canção na totalidade.
Área de Formação Pessoal e Social	Explorar diferentes instrumentos musicais;	Avaliação: Permanece igual a segunda-feira.		

Área de Formação Pessoal e Social		<u>4ª Feira</u> <u>Manhã</u> <u>Rotina</u> Permanece igual a segunda-feira.		
Área de Conhecimento do Mundo	Experienciar diferentes sensações e transmitir o sentido; Apreciar diferentes formas e texturas;	<u>Jardim das texturas e sabores</u> : para esta atividade as crianças estarão divididas em três grupos: o grupo da direita (Estrelinhas de Natal), o grupo da esquerda (Bonequinhos de neve) e o grupo central (Duendes ajudantes de Natal). No grupo da direita (Estrelinhas de Natal) irão estar várias caixas. Nestas, as crianças só poderão meter a mão, e, através da apalpação, adivinhar o que está dentro das caixas, registando as suas previsões numa folha. No grupo da esquerda (Bonequinhos de neve) as crianças estarão de olhos	Caixas com diferentes objetos Tecido Folhas Rolhas Papel	- Concentração no trabalho desenvolvido; - Interesse e empenho; - Experienciam diferentes sensações; - Sabem identificar materiais e sabores com
Área de Expressão e	Identificar características de matérias;			

<p>Comunicação</p> <p>Domínio da Expressão Plástica</p>	<p>Modelar diferentes objetos natalícios.</p>	<p>vendados e existirão vários materiais (tecido, folhas, rolinhos, papel canelado...) que as crianças terão de colocar na caixa certa, separando por conjuntos, sem ver.</p> <p>No grupo central (Duendes ajudantes de Natal) terão de provar coisas (limão, chocolate, sal, açúcar, café...) e registar o que acham que representa cada um dos sabores.</p> <p>Posteriormente descalços ou de meias as crianças serão convidadas a calcar areia e terra, descrevendo o que sentem.</p> <p><u>Vamos modelar para encher o nosso pinheirinho:</u></p> <p>A estagiária explica que irão fazer uma pasta, que servirá para modelarem diferentes objetos/motivos natalícios para enfeitar a árvore da sala de aula.</p> <p>Primeiramente, irão fazer a pasta de sal. Para isso, juntam 2 copos de farinha, 1 copo de sal fino e 1 copo de água, adicionado lentamente, para obter a consistência de uma massa de tarte firme e maleável. Se a pasta ficar demasiado aderente, terão de lhe juntar um pouco de farinha. Se se esboroar facilmente, acrescentar um pouco de água.</p> <p>Posteriormente as crianças poderão trabalhar a massa e modela-la. Para ligar elementos utilizarão um pouco de água, com os dedos a unir a parte desejada.</p> <p>As modelagens realizadas irão a forno brando durante 30 minutos a 2 horas.</p> <p>Depois de arrefecerem poderão ser pintadas com guache não diluído.</p>	<p>canelado</p> <p>Limão</p> <p>Chocolate</p> <p>Sal</p> <p>Açúcar</p> <p>Café</p> <p>Recipientes de plástico</p> <p>Colheres</p> <p>Pasta de sal</p> <p>Guaches</p>	<p>base nas informações sensoriais;</p> <p>- Participa na construção da pasta de sal;</p> <p>- Modela e pinta um objeto natalício;</p>
--	---	--	--	--

Área de Formação Pessoal e Social	Proporcionar momentos de aprendizagem e brincadeira livre; Desenvolver a motricidade fina; Promover a exploração e a descoberta; Estimular a criatividade; Promover o jogo simbólico;	<p><u>Exploração das áreas (sala de atividades)</u></p> <p>A estagiária vai perguntando, individualmente, para qual área cada criança quer ir.</p> <p>As áreas são: área da biblioteca; área da plástica; área dos jogos; área da casinha; área das construções; área da cozinha; e, área do supermercado.</p> <p>Como todas as quartas-feiras, não existirão limites de crianças por áreas nem atividades orientadas, com vista ao desenvolvimento do estudo.</p> <p>Hoje realizar-se-á a filmagem para o estudo.</p> <p>Na hora de almoço, quando as crianças vão para a sala de televisão, a estagiária coloca um filme alusivo ao Natal: “Mikey – Um Natal Mágico”.</p> <p><u>Tarde</u></p> <p><u>O número de feijões:</u> As crianças formam grupos de dois elementos e dispõem de feijões e alguns copos. Primeiramente, as crianças poderão colocar os feijões que quiserem e procurar o numeral correspondente, explorando livremente. Posteriormente, a estagiária diz um número e o grupo que colocar o número certo de feijões no copo ganha um ponto, no final a equipa que reunir mais pontos ganhará o jogo.</p>	Áreas da sala de atividades Cartões com figuras da história Filme	- É autónomo; - Mostra capacidade de iniciativa; - Mostra interesse e empenho na atividade que está a desenvolver; - Interage e respeita os colegas; - É criativo; - Está atento.
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Matemática	Exploração livre do material; Contar os feijões pedidos e identificar o numeral correspondente; Desenvolver a noção de número;	(Continuação do texto da primeira linha)	18 copos de plástico Feijões Numerais	- Está atento e interessado. - Faz aquilo que é pedido; - Conta e identifica o respetivo numeral;

Área de Conhecimento do Mundo	Desenvolver o espírito científico; Despertar para o interesse e gosto pelas ciências; Estimular a curiosidade e as emoções; Promover o gosto pela pesquisa e pelo saber; Estabelecer relações entre fenômenos e acontecimentos; Consolidar a noção de quantidade;	O nosso Pega Monstros Natalício: A estagiária pergunta às crianças se sabem o que é ou se já tiveram um pega-monstros. Depois mostra-lhes um pega-monstros, dando-lhes a oportunidade de mexer e explorar livremente. De seguida, propõe às crianças fazerem o seu próprio pega-monstros natalício. Para isso, as crianças irão fazer uma experiência, seguindo as instruções.(Anexo 4) Feita a experiência a estagiária explica que os pega-monstros formam-se devido à reação do borato de sódio com a cola.	- 2 Copos; - 2 Colheres de café; - 4 Pau de gelado; - 1 Copo de medidas; - Água; - Borato de sódio; - Corante alimentar; - Cola líquida transparente	- Está atento e curioso; - Coloca dúvidas pertinentes relacionadas com o tema; - Mostra empenho na realização da experiência;
	Área de Formação Pessoal e Social	Avaliação: Permanece igual a segunda-feira.		

Nota: Para visualizar todas as planificações e respetivos anexos no âmbito da PES II consultar o anexo nº 1.

4 TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

4.1 ORIENTAÇÃO PARA O PROBLEMA

“O movimento é ele próprio o centro da vida activa das crianças. É uma faceta importante de todos os aspectos do seu desenvolvimento, seja no domínio motor, cognitivo ou afectivo do comportamento humano” (Gallahue, 2002, p.49).

Segundo Gallahue (2002), para que as crianças sintam a felicidade de movimentos eficientes, os efeitos saudáveis do movimento e se tornem, durante toda a vida, seres móveis, confiantes e competentes, é necessário que se permita que experienciem diferentes tipos de movimentos. Devem existir espaços livres, onde as crianças possam experimentar diferentes formas de se exprimir, através de atividades lúdicas que lhes permitam experienciar e assumir diferentes papéis.

A criança de idade pré-escolar é “...um ser dinâmico, cheio de indignações espontâneas e com múltiplas habilidades físicas...” (Flinchum, 1981, p.2), sendo o jogo o meio usado, por ela, para comunicação e aprendizagem. Segundo a mesma autora “ ...o futuro da criança depende em grande parte daquilo que ela assimila antes dos 6 anos de idade...” (p.3), sendo de elevada importância a experiência motora que a criança vai tendo ao longo do seu desenvolvimento em idade pré-escolar. O modo como a criança processa o seu desenvolvimento, a percepção do seu corpo e suas peculiaridades de força e habilidades em atividades físicas, influenciam a visão que tem de si própria ao longo da vida.

“O jardim-de-infância é visto como um espaço educativo e um tempo de aprendizagens básicas, que marcarão, de uma maneira irreversível, o posterior sucesso escolar da criança.” (Neto, 1989, p.7) O jardim de infância assume, assim, uma elevada importância no desenvolvimento destas competências, que influenciarão toda a vida daquele ser.

“O termo desenvolvimento está relacionado com o crescimento e progresso de um indivíduo...”, com “...os processos psicossociológicos e biofisiológicos que interferem diretamente nas relações que a criança constrói com o meio e com a sociedade que a envolve...”. (Peres, 2009, p.13)

Segundo Rodríguez (2002), as crianças entre 4 e 5 anos surpreendem-nos com muitos movimentos e com a sua independência, sendo capazes de planificar e organizar a sua própria atividade. Distribuem os materiais descobrindo por elas próprias diferentes formas de manuseá-los e combiná-los. Escolhem os jogos que querem e organizam a área de jogo. Adquirem conhecimentos partindo das suas próprias vivências, sendo isto, a base da criatividade.

É necessário que a comunidade, e em particular o jardim de infância, lhes ofereça oportunidades de atividades lúdicas livres, não formais.

Geralmente, os jardins de infância encontram-se organizados por salas de atividade, as quais estão divididas por áreas. Estas áreas devem proporcionar diferentes momentos de aprendizagem livre, de forma lúdica não estruturada, permitindo experienciar diferentes formas de jogo e movimento. As diversas áreas

...deverão definir tipos de actividades específicas. Interessa criar zonas de actividade organizadas e por outro lado zonas de actividades livres, a fim de possibilitar o espírito de iniciativa, sentido criador e imaginativo da personalidade infantil. Os materiais utilizados deverão facilitar o desenvolvimento da criança no sentido da procura da relação do corpo com o objeto. (Neto, 2001, p.122)

É curioso que todas as crianças gostam do espaço das ABA, pela brincadeira livre que estas lhes proporcionam, favorecendo a interação, assim como várias aquisições necessárias para a vida em sociedade. “...É no jogo que a criança se mostra tal como é, pois todas as reacções são espontâneas, naturais, mostrando as suas aptidões e incapacidades”. (Sarmiento, 1997, p.113)

O jogo livre que as ABA proporcionam “...promove a descoberta dos materiais, as relações de orientação no espaço, as possibilidades de movimento diversificado (primeiras experimentações) e a consolidação das relações em grupo.” (Neto, 2001, p.68). As ABA têm valor por si só, são muito ricas e podem proporcionar a aquisição de variadíssimos conhecimentos através dos vários tipos de jogo. Para uma boa exploração, devem estar em constante mudança.

“... Na vida da criança, para além do entretenimento, o jogo ganha espaço, através da focalização das suas propriedades formativas...que valorizam a participação activa do educando no seu processo de formação...” (Penteado, 2001, p. 166). O educador deve possuir vontade e

meios para dinamizar estes espaços, para que todas as crianças possam tirar partido de todas as ABA. O educador detém intenções pedagógicas e ocupa um papel de guia, de forma a permitir que as crianças experimentem e vivenciem diferentes coisas, partindo dos interesses do grupo. “Uma condição essencial do sucesso educativo, reside no valor que o professor dá aos seus objectivos na actividade que desenvolve na sua classe...” (Neto 2001, p.45).

Ainda segundo Neto (2001), o professor deve adequar os conteúdos, tarefas, materiais e o espaço ao grupo, tendo sempre em conta as necessidades, interesses e motivações das crianças. “ O educador deve ser sensível a estes elementos que afectam de forma diversa o processo de aprendizagem...” (Neto, 2001 p.63).

Como futura profissional, por se considerar, tal como Kishimoto (2001), Neto (1997 e 1989), Spodek (2002), Piaget (1978) e Papalia (1998), a atividade lúdica não formal de elevada importância no processo de desenvolvimento da criança, pensou-se em fazer o presente estudo, lendo sobre o tema e vendo quais as ABA da sala que apresentam uma maior taxa de ocupação e quais as preferidas pelas crianças, fazendo-se a distinção entre géneros.

Assim, as motivações para o desenvolvimento deste estudo foram pessoais e profissionais: pessoais, porque existe uma certa curiosidade em saber quais as ABA mais ocupadas e preferidas pelas crianças, assim como o porquê disto acontecer; e profissionais porque sempre existiu um grande fascínio pela Educação Pré-Escolar e esta será a preferência profissional futura, embora também se tenha formação para 1ºCiclo do Ensino Básico. Sendo assim, pretende-se estudar este espaço, tão querido pelas crianças.

Como se ambicionava saber quais as ABA preferidas no contexto onde se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada II, para verificar se existe concentração em certas ABA da sala de atividades, resolveu-se desenvolver o presente estudo em torno desta problemática. Também se pretendia perceber a importância destas áreas na sala, assim como a importância da atividade lúdica no desenvolvimento da criança.

As ABA são um espaço que as crianças adoram, sendo assim, é primordial organizá-las da melhor forma, para que contenham estímulos para desenvolver a criança em plenitude. O educador deve organizar este espaço de acordo com diagnóstico do grupo, de forma a ir de encontro aos seus interesses e preferências, tornando-as num espaço ainda mais motivante.

Este estudo apresenta um grande potencial, porque vai permitir saber quais as ABA com maior taxa de ocupação e quais as preferidas pelas crianças, vendo se existe consenso entre as preferências e as áreas que as crianças realmente ocupam.

Este estudo poderá auxiliar os educadores na conceção que constroem da organização dos espaços da sala, tendo sempre como objetivo o interesse e desenvolvimento das crianças com quem vão efetivar o seu trabalho.

4.1.1 QUESTÕES E OBJETIVOS

Para se realizar este estudo foi necessário elaborar algumas questões chave:

- O que dizem as orientações curriculares sobre a temática?
- Qual o papel das áreas e da atividade lúdica no desenvolvimento da criança?
- Qual é o modelo curricular utilizado no contexto deste estudo?
- Qual a área da sala que apresenta uma maior taxa de ocupação?
- E qual a que apresenta a menor taxa de ocupação?
- Será que são as mesmas para rapazes e raparigas?

As três últimas questões são de elevada importância para o presente estudo.

Para saber a taxa de ocupação de cada uma das áreas, de acordo com as preferências das crianças e discriminando estas preferências por sexo, recorreu-se a uma metodologia quantitativa, para a qual se traçaram os seguintes objetivos:

- Saber qual a taxa de ocupação de cada uma ABA;
- Conhecer o que é que as orientações curriculares dizem sobre o assunto;
- Saber qual a importância da atividade lúdica não formal;
- Conhecer as preferências das crianças;
- Comparar as preferências das crianças, por género e idade.

4.2 REVISÃO DE LITERATURA

4.2.1 A IMPORTÂNCIA DE BRINCAR E DA ATIVIDADE LÚDICA NÃO FORMAL

“Brincar funciona como um cenário... onde as crianças imitam o mundo e também o transformam.”
(Salomão & Martini, 2007, p.12)

Todas as crianças brincam. Brincar faz parte da essência do ser humano, que desde o ventre da mãe, já brinca com o cordão umbilical e outras partes do seu corpo.

Brincar é uma linguagem universal natural, uma das que mais se destaca durante a infância. Brincar é uma atividade lúdica não formal imprescindível, para o plano pessoal, social e cultural e colabora com a boa saúde mental e física. É algo que faz parte do cotidiano, algo espontâneo, que oferece prazer e não inclui comprometimentos. (Silva & Santos, 2009; Salomão & Martini, 2007)

A infância é a idade das brincadeiras, conduzida no sentido de satisfazer interesses, necessidades e desejos. É um “...meio privilegiado de inserção na realidade, pois expressa a maneira como a criança reflete, ordena, desorganiza, destrói e reconstrói o mundo.” (Dallabona, 2004, p.2)

Existem elevados estudos sobre o brincar/atividade lúdica, o que demonstra a elevada importância desta ação (Silva & Santos, 2009; Dallabona, 2004, Salomão & Martini, 2007; Moraes, 2007; Oliveira, 1995; Santos, Piovezani, Bassetto, Oliveira e Zuca, 2009; Brougère, 1998; Queirós, Maciel e Branco, 2006; Carvalho, Alves e Gomes, 2005).

Vivemos e experimentamos a brincadeira, mas dificilmente a explicamos. A vida de qualquer ser humano é influenciada “...pela criança que foi e pela qualidade e oportunidades de jogo que viveu.” (Neto, 2009, p.19). Existem grandes relações entre brincar na infância e o grau de felicidade e sucesso que se tem em adulto. Os benefícios do brincar perduram ao longo da vida. (Neto, 2009)

Brincar é um comportamento com uma grande taxa de frequência em períodos de grande crescimento, através do qual se dá o conhecimento de si próprio, do mundo físico e social e dos sistemas de comunicação. É uma atividade voluntariamente controlada, realizada por interesse pessoal, através de uma participação ativa. É algo espontâneo e

divertido, que dá prazer e liberdade, auxiliando o desenvolvimento educacional imaginário. Brincar é uma linguagem universal, um meio de comunicação capaz de ultrapassar a divergência dos códigos e minimizar a diferença dos estatutos. (Garvey, 1979; Neto, Barreiros e Pais, 1989; Costato & Sponda, 2009; Moraes, 2007)

De acordo com Vigotsky referido por Carvalho, Alves e Gomes (2005), o brincar “...oferece uma válvula de escape para as fantasias da criança diante das pressões do mundo que a cercam”. (p.218)

Brincar é trivial, não é por acaso, é uma forma de experimentar e interagir com o que nos rodeia. (Oliveira, 1995; Silva & Santos, 2009) A criança começa a compreender o mundo através da brincadeira. “Brincando, a criança explora, descobre e experimenta o mundo, por isso a brincadeira deve estar presente em todo o lugar.” (Costato & Sponda, 2009, p.18)

De acordo com Salomão e Martini (2007) “São lúdicas as actividades que proporcionem a vivência plena do aqui – agora, integrando a acção, o pensamento e o sentimento.” (p.11). Assim, o lúdico não está apenas inerente no brincar, mas também, por exemplo, no ler, onde a criança descobre e compreende o que a rodeia.

Brincar é um direito, presente na Convenção sobre os Direitos da Criança, no artigo 31, onde se reconhece “...o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística...”. UNICEF (1989)

Salomão e Martini (2007) descreveram a atividade lúdica nas várias faixas etárias. Dos 4 aos 6 anos referem que as crianças:

...gostam de ser elogiadas e têm tendência a emoções extremas, adoram novidades (lugares, pessoas e objectos). Ficam pouco tempo realizando uma actividade, exigem troca constante e rápida de acções... desafiando sua imaginação... Adoram mostrar o que sabem fazer...estão descobrindo o prazer de brincar junto com outras crianças. (p. 7)

Garvey (1979) refere que a maior parte dos investigadores apontam as seguintes características para o brincar: “Brincar é agradável, divertido...Brincar não tem objectivos extrínsecos...Brincar é uma actividade espontânea e voluntária... Brincar implica um certo empenhamento ativo por parte do sujeito.” (p.12)

Toda a situação lúdica implica o corpo. A criança sente necessidade de brincar, de movimento, experimentando, aplicando-o e desenvolvendo-o, de formas variadas. O movimento reflete claramente a vitalidade e o entusiasmo que o lúdico integra. As sensações do movimento são as primeiras diversões que a criança tem; inventando brincadeiras, ela constitui o seu eu, a sua imaginação e os seus pensamentos. Quanto maior for a qualidade do brincar maior será o desenvolvimento cognitivo. O movimento permite à criança encontrar um conjunto de relações (com o sujeito, as coisas, o espaço) necessárias ao desenvolvimento motor, sendo através do movimento dos outros que a criança elabora as suas primeiras atitudes. (Sintra da Encarnação, 1972; Garvey, 1979; Neto, 2001; Salomão & Martini, 2007; Silva & Santos, 2009)

O movimento humano tem inúmeras manifestações nas “...ocupações utilitárias, recreativas e criativas personifica a destreza que é uma fonte de orgulho e satisfação. O homem exhibe, através do seu movimento, uma considerável versatilidade que é única no reino animal.” (Sintra da Encarnação, 1972, p.21)

Todas as crianças crescem através do movimento, da brincadeira, descobrem como são, assim como é o mundo que as rodeia. Através da brincadeira, elas

...aprendem a usar seus músculos; coordenam o que vêem com o que fazem; e ganham domínio sobre seus corpos... Adquirem novas habilidades e aprendem a usá-las. Tornam-se mais competentes na linguagem, obtêm a oportunidade de experimentar diferentes papéis e lidam com emoções complexas e conflitantes ao interpretar situações da vida real. (Papalia e Olds, 1998, p.361)

Existem diferenças nas brincadeiras entre crianças do género masculino e crianças do género feminino, que se vão acentuando ao longo do processo de crescimento. O desenvolvimento da criança varia com o sexo e com a idade. Segundo Neto (1997) “...crianças demonstram uma tendência para brincarem com amigos do mesmo sexo e da mesma idade com predominância de jogos mais activos para os rapazes e menos activos para as raparigas” (p.14). Geralmente, nenhum dos sexos gosta da interferência do outro, nas suas brincadeiras, “...os meninos tendem a gostar das brincadeiras barulhentas e agitadas em grupos bem grandes, enquanto as meninas são mais inclinadas a brincadeiras tranquilas com outra criança.” (Papalia & Olds, 1998, p.366)

Logo no nascimento diferenciarmo-nos pelo sexo que temos, o que vai influenciar o modo como “...olhamos, como movemos nosso corpo e como trabalhamos, brincamos e nos

vestimos. Influencia o que pensamos sobre nós mesmos e o que os outros pensam de nós...” (Papalia & Olds, 1998, p.330).

“As diferenças sexuais são essencialmente devidas a pressões socioculturais que limitam e condicionam as oportunidades de aprendizagem: as diferenças sexuais, são nos primeiros tempos de vida muito reduzidas, aumentando depois, gradualmente com a idade.” (Neto, 2001, p.16). Estas estereotipias estão presentes nas atividades lúdico-motoras, influenciando as preferências das crianças e a qualidade de experiências motoras. (Pomar & Neto, 1997, p.179)

Segundo Flinchum (1981) de um a quatro anos existem poucas diferenças entre meninos e meninas, a nível do desenvolvimento em habilidades motoras. Aproximadamente dos 5 anos em diante começam a surgir diferenças em relação às atividades motoras básicas, com rapazes mais direcionados para certas atividades e raparigas para outras.

A criança integra-se num mundo com história. Embora necessite de algum tempo sozinha, é através dos seus pares que constrói e reconstrói significados ativamente. (Queiroz, Maciel e Branco, 2006). São vários os autores que defendem que o brincar é influenciado pela cultura, pelo contexto em que se vive, que a criança brinca segundo padrões socialmente aprovados. (Queiroz, Maciel e Branco, 2006; Neto, 2001; Kishimoto, 2001; Garvey, 1979; Neto, 1997; Dempsey & Frost, 2002).

Os grupos em que as crianças brincam têm grande poder de socialização. Brincar não é uma atividade neutra, mas uma expressão de valores, de sentimentos e de significados culturais, facilitadora da vida em sociedade. Ao brincar a criança distancia-se da vida quotidiana, porém toda a sua brincadeira acontece num tempo e num espaço. As funções do comportamento lúdico também poderão estar relacionadas com a aprendizagem e o desenvolvimento social. (Papalia & Olds, 1998; Neto, Barreiros e Pais, 1989; Brougère, 1998; Kooij, 1997; Kishimoto, 2001; Salomão & Martini, 2007; Costato & Sponda, 2009; Garvey, 1979)

4.2.1.1 PORQUE É QUE AS CRIANÇAS BRINCAM

O desenvolvimento da criança dá-se através da manipulação de objetos, do conhecimento das suas possibilidades e da definição de papéis, sem haver preocupação com os resultados, mas com o processo. (Costato & Sponda, 2009; Zabalza (1987b)

Quando as crianças brincam “...encenam ou representam conhecimentos acerca do seu mundo social e material que não sabem verbalizar explicitamente ou demonstrar no contexto de provas experimentais... brincar pode contribuir para a perícia de quem brinca e para a sua eficiência no mundo não lúdico.” (Garvey, 1979, p.179/180)

As crianças brincam porque brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação. Porque contribui para a saúde mental das pessoas e dos grupos. Através da brincadeira trabalham os movimentos, músculos e a flexibilidade, mantendo o equilíbrio com o mundo. Brincam para adquirirem independência, dominar todo o tipo de informação (através do desenvolvimento da linguagem), desenvolverem habilidades, estimularem a sua sensibilidade visual e auditiva, valorizarem sua cultura popular e construírem conhecimentos. Para desfrutarem de um mundo imaginário e ao mesmo tempo real, com liberdade de ação, pulsão interior e prazer. (Queiroz, Maciel e Branco, 2006; Dallabona, 2004; Salomão & Martini, 2007; Neto, Barreiros e Pais, 1989)

As crianças “...vivem em um mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos, nas quais a realidade e o faz-de-conta se confundem.” (Santos, Piovezani, Bassetto, Oliveira e Zuca, 2009, p.15)

Brincar é um instinto e acarreta vários benefícios. Quando a criança se integra e brinca com outras crianças, fortifica os laços afetivos, recria e representa vivências (transformando conhecimentos que já possui), estabelece diferentes vínculos, estimula a criatividade e a expressão. Aprende um conjunto de regras, limites e significações sociais, que lhe permite iniciar-se numa prática desportiva, cultural e artística. Brincar facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, propicia uma aprendizagem espontânea e natural e estimula a crítica e a criatividade. Brincar deixa as crianças mais felizes. O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão do mundo mais real, incentivando à expressão, análise, crítica e transformação da realidade. Cria um espaço para pensar, incentiva a descoberta, desenvolvendo o raciocínio, o pensamento, a

concentração, a percepção e a observação, ajuda na formação de conceitos. Forma adultos bem sucedidos, através de um desenvolvimento harmonioso e sadio, cidadãos autônomos, competentes e dignos. (Silva & Santos, 2009; Dallabona, 2004; Moraes, 2007; Condessa, 2009; Salomão & Martini, 2007)

4.2.1.2 PAPEL DA ESCOLA/ DO EDUCADOR:

Segundo Oliveira-Formosinho (2004) “...a educação pré-escolar tem sido mais ou menos consonante com a ideia da aprendizagem por meio da brincadeira e com a valorização de experiências significativas.” (p.118). Só este tipo de experiências proporcionará um bom desenvolvimento da criança, que influenciará todo o seu percurso.

O ensino através do lúdico torna-se atraente e gratificante, sendo um estímulo para o desenvolvimento integral da criança. É importante aprender com vontade e alegria. A brincadeira na aprendizagem desperta o gosto pela vida e faz com que as crianças enfrentem os desafios. (Salomão & Martini, 2007; Dallabona, 2004; Santos, Piovezani, Bassetto, Oliveira e Zuca, 2009)

A sedentarização e privação gradual de experiências de movimento e de atividade lúdica, a que se tem assistido nos últimos anos, remete para a escola um papel importantíssimo no desenvolvimento deste tipo de experiências. Cada vez as crianças passam mais horas na escola, sendo importante compreender os efeitos disto no comportamento lúdico. Cabe a esta instituição proteger a liberdade que a criança tem de brincar, durante a sua experiência escolar. (Dempsey & Frost, 2002; Neto, Barreiros e Pais, 1989; Leif & Brunelle, 1978)

A escola não pode ser um depósito de crianças, onde elas apenas fiquem guardadas e desenvolvam atividades meramente repetitivas. A escola deve atribuir o devido valor ao brincar, possibilitando à criança autonomia, espaço e oportunidade de expressar suas ideias. Um bom jardim de infância é divertido e ajuda as crianças a aprender e a crescer em diversos sentidos, de acordo com os seus interesses e habilidades. Nos primeiros anos as crianças brincam sozinhas, depois passam a brincar ao lado de outras crianças, mas não com elas, e daí progridem para a brincadeira

cooperativa, quando interagem com as outras. (Papalia & Olds, 1998; Silva & Santos, 2009; Lordelo & Carvalho, 2003)

Brincar deve sempre estar presente na educação de infância, levando a criança a satisfazer seus desejos envolvendo-se no imaginário. Deve permitir-se uma educação que respeite o processo de construção do pensamento e que potencie as diversas linguagens expressivas da criança. Na rotina escolar devem existir espaços para brincadeira livre. (Queiroz, Maciel e Branco, 2006; Moraes, 2007; Carvalho, Alves e Gomes, 2005)

Educar é pensar na totalidade do ser humano (corpo, ambiente, prazeres, gostos, preferências, vivência), é um ato consciente e planejado, que tem a responsabilidade de “...seduzir os seres humanos para o prazer de conhecer. É resgatar o verdadeiro sentido da palavra “escola”, local de alegria, prazer intelectual, satisfação e desenvolvimento.” (Dallabona, 2004, p.8)

O Educador tem um papel fundamental, já que lhe cabe a função de auxiliar cada uma das crianças. Esse deve reconhecer na criança a criança que ele já foi e proporcionar-lhe um ambiente rico, onde ela participe no seu processo educativo, na organização de espaços, rotinas, relações e interações ou aprendizagens. É essencial que crie um bom clima na sala, que planeie e prepare um ambiente lúdico, bem-humorado e bonito esteticamente, em que as crianças possam brincar individualmente ou em grupo, onde exista confiança e as tentativas de acerto, por parte da criança, se intensifiquem. Este espaço, deve constituir um investimento social, fazendo parte integrante do projeto educativo criado. (Neto, 2001; Salomão & Martini, 2007; Neto, Barreiros e Pais, 1989; Dempsey & Frost, 2002; Oiveira-Formosinho & Araújo, 2004)

Cabe aos educadores contribuir para que as crianças construam um mundo mais saudável e estável, pensando no princípio da individualidade presente em toda a aprendizagem. Deve haver qualidade da educação, partindo do ponto em que as crianças se encontram, rumo à aprendizagem com desejo e prazer, encontrando assim um sentido para a vida. Bons educadores de infância são ambiciosos, levam as crianças a aprender fazendo, estimulam os sentidos e encorajam a observar, conversar, criar e resolver problemas. Este agente de educação deve permitir o envolvimento, que depende de várias variáveis: qualidade do contexto, formação dos educadores e apoio formativo. (Papalia & Olds, 1998; Salomão & Martini, 2007; Queiroz, Maciel e Branco, 2006;

Dempsey & Frost, 2002; Gallahue, 2002; Dallabona, 2004; Oiveira-Formosinho & Araújo, 2004; Spodek & Brown, 2002)

Temos de respeitar o tempo de a criança ser criança, oferecendo-lhe a liberdade de tomar todas as decisões. (Dallabona, 2004; Neto, 2001)

4.2.2 O PAPEL DO JOGO COMO ATIVIDADE LÚDICA NÃO FORMAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

“Jogar não é só um direito é uma necessidade.
Jogar não deve ser uma imposição é uma descoberta.
Jogar não é só uma ideia é uma vivência.
Jogar não é um processo linear é um processo aleatório.”
(Neto, 2001, p.173)

“O jogo é uma paródia da conduta mágica.”
(Leif & Brunelle, 1978, p.74)

Segundo a UNESCO (1978), o jogo é “...uma actividade fundamental da criança, meio de exploração, de aprendizagem, de desenvolvimento.” (p.24)

Chateau (1975) refere que o jogo é o centro da infância. A criança ao brincar está concentrada na brincadeira, “...é pelo jogo que crescem a alma e a inteligência...Uma criança que não sabe jogar, um «pequeno velho», será um adulto que não sabe pensar.” (p.16)

O jogo tem valor educacional, é um impulso natural, espontâneo e voluntário, motivador da criança, que desperta o imaginário e a memória dos tempos passados (Kishimoto, 2001). O jogo tem sempre um objetivo e “...mobiliza esquemas mentais, estimula o pensamento, a ordenação do tempo e do espaço; integra várias dimensões da personalidade...” (Salomão & Martini, 2007, p.9).

“Jogar é portanto um sonho que se torna realidade mas que rapidamente se pode esquecer.” (Neto, 2001, p.173) O jogo é a vida das crianças, elementar desde as primeiras idades, é uma característica fundamental da essência do Homem (Pereira & Neto, 1997; Neto, 2001)

Erikson (1976) defende que o jogo “... é uma função do ego, uma tentativa de sincronizar os processos corporais e sociais com o eu”. (p.194). O jogo da criança começa por

centrar-se no seu próprio corpo, assim nos primeiros anos de vida o jogo solitário prevalece. Para este autor “...o jogo da criança é uma forma infantil da capacidade humana para manusear a experiência criando situações – modelo e para dominar a realidade por meio da experimentação e do planeamento.” (p.204)

Segundo Piaget (1978) “... o jogo é uma assimilação do real ao eu, por oposição ao pensamento “sério”, que equilibra o processo assimilador com uma acomodação aos outros e às coisas...o jogo é uma actividade “pelo prazer”...” (p.190). “Longe de ser uma actividade sem objectivo, só se concebe o jogo como uma busca de fins particulares...” (p.194)

Com as mudanças a nível social e económico das sociedades pós-industriais e contemporâneas, houve grandes mudanças nos estilos de vida, assim como, nas oportunidades de jogo e atividade física. O conceito de família mudou, tal como o seu quotidiano, havendo mais tempo livre, mas nenhuma qualidade de vida. (Neto, 2001).

Com a industrialização e o crescimento das cidades deu-se a padronização excessiva de valores, atitudes e comportamentos socialmente adequados. O jogo perdeu o espaço físico e temporal e o lúdico deixou de ter valor. Assim, a promoção do jogo espontâneo na vida cidadina e escolar deverá constituir-se como um indicador decisivo de qualidade de vida, sendo crucial, se não mesmo decisivo, na delimitação de hábitos saudáveis para uma vida ativa. (Santos, Piovezani, Bassetto, Oliveira e Zuca, 2009; Dallabona, 2004; Peres, 2009; Pinto & Sarmento, 1999; Neto, 1997; Morouço, Vasconcelos, Barreiros e Matos, 2011).

Segundo a UNESCO (1978), entre os 4 e 5 anos devemos proporcionar à criança diferentes movimentos e estímulos do meio, e responder às suas questões. Entre os 5 e os 6 anos devemos “Possibilitar-lhe a oportunidade de inventar jogos, de criar brinquedos inesperados, de coleccionar tesouros (pedras, madeiras, imagens, objectos insólitos).” (p.42) Devemos responder às questões que colocam, deixar brincar e responsabilizá-las por algumas tarefas. Apelar à criatividade e à participação da criança, promovendo tarefas simples e interessantes.

O jogo infantil é o reflexo do estado geral da criança. Implica experimentar, brincar, aprender, arriscar, descobrir, criar, treinar, cooperar, comunicar, sentir prazer, expressar, motivar-se, divertir-se e competir. Estimula o crescimento e desenvolve a iniciativa, sendo uma atividade autojustificada e autoalimentada. Ao jogar, as crianças

variam, ampliam, convertem, complicam, simplificam, modificam de outra maneira as possibilidades de ação já conhecidas. (Neto, 1997; Neto, Barreiros e Pais, 1989; Zabalza, 1987b;)

O símbolo lúdico, a presença dos pais e a sua interação com os filhos, os materiais, a quantidade de tempo disponível e as pessoas envolvidas no jogo, são algumas das variáveis que o influenciam. (Piaget, 1978; Dempsey & Frost, 2002)

Pereira e Neto (1997) referem que “...para um elevado grupo de indivíduos aquilo que preferem e realizam prioritariamente, em matéria de tempos livres não são coincidentes. Há uma elevada percentagem de crianças que não realizam como 1ª prática a sua actividade prioritariamente preferida.” (p.240)

4.2.2.1 TIPOS DE JOGO

Segundo Dempsey e Frost (2002), de acordo com vários estudos (artigos de Parten, 1932; Buhler, 1951; Piaget, 1962; Smilnsky, 1968) podemos ter “...quatro níveis de jogo cognitivo (jogo funcional, jogo construtivo, jogo dramático e jogos com regras) e quatro níveis de jogo social (solitário, paralelo, associativo e cooperativo).” (p. 689)

Ainda de acordo com Pellegrini e Boyd (2002), o jogo pode ser funcional, construtivo ou dramático. Solitário, paralelo ou cooperativo.

Segundo Neto (1997) os tipos de jogo variam com a fase do desenvolvimento em que se encontra a criança. Kooij (1997) mencionou categorias de observação de jogo, para analisamos a intensidade lúdica, que são as seguintes:

- Jogo de Repetição: este tipo de jogo apresenta, como principal característica, o aspeto repetitivo. Aqui, a criança manuseia os brinquedos, sem lhes atribuir grande importância. Explora a situação lúdica e examina os brinquedos.
- Jogo de Imitação: a criança serve-se da atividade lúdica para reproduzir acontecimentos do seu quotidiano e para imitar pessoas.
- Jogo de Construção: neste tipo de jogo procura-se observar até que ponto a criança constrói qualquer representação real, servindo-se de objetos desprovidos de significado real.

- Jogo de Agrupamento: aqui as características principais deste tipo de jogo são a seleção, combinação e organização dos brinquedos. Procura-se observar até que ponto, a criança agrupa figuras e brinquedos figurativos e organiza-os representando o real.

4.2.3 ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES E A FUNÇÃO DAS ÁREAS EM SALA DE ATIVIDADES, DE ACORDO COM O MODELO CURRICULAR DA SALA HIGH-SCOPE;

Deve haver “...espacios que inviten a la alegría, a sentirse a gusto en la escuela, que potencien el desarrollo integrado de los niños que van a pasar en ellos una parte importante de su tiempo diário.”

(Zabalza, 1987a, p.119)

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar oferecem alguma liberdade ao educador acerca da forma de organizar a sua sala de atividades, assim como acerca da pedagogia que adota. Referem apenas que

...uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionais” sem sentido para as crianças, nem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens...o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal... (Ministério da Educação, 1997, p.18)

Deve haver uma “... organização intencional e sistemática do processo pedagógico, exigindo que o Educador planeie o seu trabalho e avalie o processo e os seus efeitos no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças...” (Ministério da Educação, 1997, p.18)

A sala dos cinco anos, onde se realizou este estudo, encontrava-se especialmente organizada de acordo com o modelo High-Scope.

O currículo High-Scope insere-se numa perspetiva desenvolvimentista da educação de infância. Segundo Formosinho (1996) teve início em 1960, por David Weikart, presidente da Fundação de Investigação Educacional High-Scope. Este currículo, de acordo com Formosinho (1996), representa “...uma construção progressiva de conhecimento sobre a educação pré-escolar, através da acção e da reflexão sobre a acção, a

vários níveis: o da criança, o do educador, o do investigador e o de todos estes na construção da acção educativa.” (p.56).

Nas salas de educação de infância que seguem este modelo, as ABA ocupam elevada importância. Existem áreas diferenciadas com o intuito de permitir diferentes aprendizagens curriculares. Esta forma de organização, além de ser uma necessidade indispensável para a vida em grupo, leva a criança a ver quais as opções possíveis, pois cada área apresenta um único conjunto de materiais e de oportunidades de trabalho. (Hohmann, Banet e Weikart, 1987; Formosinho, 1996; Brickman & Taylor, 1991)

As áreas de que nos fala este modelo são as seguintes:

Área dos blocos: As crianças em idade pré-escolar utilizam os blocos para construir estruturas que crescem, que saem ou rodeiam, lidando assim com os problemas espaciais e estruturais do equilíbrio e limitação do espaço... também utilizam blocos, figurinhas, animais, mobiliário e veículos em jogos de simulação.... Esta área proporciona a oportunidade de “...explorar, ...construir colectiva ou independentemente, ...seleccionar, ...agrupar, ...comparar e... dispor objectos, ...representar experiências e ...desempenhar papéis (Hohmann, Banet e Weikart, 1987, p.23).

A área dos blocos corresponde à área das Construções na sala onde se realizou o estudo.

Área da casa: Aqui, os pequenitos têm a oportunidade de reunir e representar tudo o que sabem acerca das pessoas e dos acontecimentos que observam e experimentam...Dá-lhes a possibilidade de trabalharem em conjunto, de exprimirem sentimentos e ideias e utilizarem a linguagem para comunicarem os seus papéis e responderem às necessidades e pedidos dos outros. Jogo dramático, desempenhar papéis (Hohmann, Banet e Weikart, 1987, p.56).

A área da casa corresponde às áreas da Cozinha, do Supermercado e da Casa, na sala onde se realizou o estudo.

Área da expressão plástica: Enquanto amassam, mexem, enrolam, cortam, furam, torcem e dobram materiais, as crianças em idade pré-escolar aprendem a criar e observar mudanças: encaixar coisas, separá-las, ordená-las, combiná-las e transformá-las...O seu principal interesse reside no processo de experimentação, mais do que nos resultados da experimentação... (Hohmann, Banet e Weikart, 1987, p.60).

A área da expressão plástica corresponde à área da Plástica, na sala onde se realizou o estudo.

Área de atividades repousantes: entregam-se a jogos simples e inventam os seus próprios jogos, em que separam as coisas, voltam a reuni-las, encaixam-nas, escolhem, emparelham, comparam, constroem modelos. Também aqui podem ver livros, ouvir histórias e inventar as suas próprias histórias, usando interpretam as gravuras dos livros (Hohmann, Banet e Weikart, 1987, p.65).

A área de atividades repousantes corresponde às áreas da Biblioteca e dos Jogos, na sala onde se realizou o estudo.

Cada criança, numa determinada área, assume diferentes papéis e desenvolve diferentes coisas “...papéis sociais, relações interpessoais, estilos de interação...são vividos, experienciados, perspectivados nas experiências que cada área específica permite.” (Formosinho, 1996, p.68)

Sempre que possível, as áreas devem estar juntas da parede, de forma a deixar o espaço do meio livre para outros trabalhos e reuniões de grupo (o que se verificou na sala onde se realizou o estudo). O ambiente deve ser rico e facilitador, um lugar de oportunidades de desenvolvimento, de crescimento pessoal, onde as crianças aprendam com as suas próprias ações. Um espaço em que se possam movimentar, construir, escolher, criar, espalhar, edificar, experimentar, fingir, trabalhar com os amigos, trabalhar sozinhas, em pequenos e grandes grupos. Devem haver muitos materiais (incluindo objetos reais), todos à disposição e alcance das crianças, de modo a que elas os usem e arrumem, fazendo escolhas independentes, sem precisarem de ajuda na realização das tarefas. Brincar com diferentes materiais/recursos desempenha funções distintas no desenvolvimento da criança. (Brickman & Taylor, 1991; Hohmann, Banet e Weikart, 1987; Garvey, 1979; Zabalza, 1987a)

Neste currículo esta organização é imprescindível “...para que a aprendizagem activa que nele emerge seja um suporte central das aprendizagens curriculares.” (p.68) No entanto, não existe um modelo único, e é possível mudar a estruturação da sala de acordo com os interesses e necessidades do grupo (Formosinho, 1996; Hohmann, Banet e Weikart, 1987)

Este currículo presta muita importância à organização do dia de trabalho e à realização de rotinas diárias coerentes, onde se planeie, faça e recorde o que foi feito. (Brickman & Taylor, 1991)

Nele, o papel do adulto é “...basicamente o de criar situações que desafiem o pensamento actual da criança e, assim, provoquem o conflito cognitivo.” (Formosinho, 1996, p.73). O educador funciona como um elemento desafiador, não sendo o centro da aprendizagem, havendo a preocupação de uma educação para todos os tipos de crianças. (Brickman & Taylor, 1991)

É um modelo baseado na teoria piagetiana.

«Aprendizagem activa»... aprendizagem que é iniciada pelo sujeito que aprende, no sentido de que é executada pela pessoa que aprende, em vez de lhe ser apenas «passada» ou «transmitida». A aprendizagem activa tem também a conotação de criatividade por parte daquele que aprende e está a tentar construir uma melhor «teoria» da realidade e a inventar novas combinações de meios e fins. (Hohmann, Banet e Weikart 1987, p.174)

Devem proporcionar-se experiências de aprendizagem onde as crianças sejam ativas, construam o seu conhecimento com pessoas, materiais e ideias. (Brickman & Taylor, 1991)

4.3 METODOLOGIA

4.3.1 OPÇÕES METODOLÓGICAS

Depois da definição do problema e da formulação das questões de investigação optou-se por uma metodologia quantitativa. Visou-se quantificar a atividade lúdica não formal, através da taxa de ocupação das áreas básicas de atividade, presentes na sala de jardim de infância.

Na investigação quantitativa o investigador recolhe dados numéricos (Martens, 1998). O método quantitativo assume uma realidade estável, particular, é generalizável, orienta-se pelo resultado, não interfere com os dados, é objectivo e usa uma observação penetrante e controlada. (Cook e Reichardt, 1986)

O investigador quantitativo centra-se na quantificação do número de elementos que detêm um determinado comportamento, assim pode comparar e apreciar o grau de variação entre conjuntos de dados. A investigação visa encontrar “...regularidades e leis explicativas através dos esforços colocados na objectividade dos procedimentos e na quantificação das medidas.” (Almeida e Freire, 2000, p.27)

Ao nível dos procedimentos, a população foi constituída por um grupo, uma turma da sala dos cinco anos, de um jardim de infância de Viana do Castelo.

Optou-se por uma observação naturalista, em que se observou o comportamento das crianças nas circunstâncias normais do quotidiano do jardim de infância, num meio natural para as crianças. Foram observadas durante o período livre dedicado às ABA, para quantificação do comportamento.

Constituiu uma observação molar, por ser uma observação baseada nas acções das crianças (Estrela, 1994), limitando-nos a visualizar, no registo audiovisual, o comportamento delas, para posterior análise.

Numa fase subsequente do estudo, para completar a observação feita, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, que serviram para compilar informações e justificar comportamentos. Todos os elementos da população responderam às mesmas questões e receberam as mesmas explicações em condições idênticas.

4.3.2 CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO

Este projeto dispôs-se a estudar a taxa de ocupação das áreas da sala de jardim de infância, examinando o comportamento lúdico da criança em contexto não formal.

Para isso, deu-se conhecimento à educadora acerca do estudo e solicitou-se a sua autorização. Posteriormente, a educadora informou a direção do jardim de infância, a qual também deu o seu consentimento.

Elaborou-se também um pedido de autorização escrito (anexo 2) dirigido aos pais, para que fosse possível a recolha de imagem em suporte de vídeo. Todos os pais se mostraram recetivos, autorizando os seus educandos a participar.

O espaço onde se desenrolou o estudo beneficia de ótimas condições: é um edifício construído recentemente, muito amplo, embora por vezes não seja bem aproveitado. O estudo restringiu-se à sala, na qual se desenvolveu a Prática de Ensino Supervisionada II.

No planeamento, estipulou-se que às quartas-feiras não havia limite de crianças por área, podiam ir para onde quisessem, para se desenvolver atividade lúdica livre, sem qualquer restrição ou intervenção. Isto, para as crianças se adaptarem e o contexto do estudo ser real, onde as crianças podiam escolher para onde queriam ir, sem impedimentos.

Realizou-se uma filmagem prévia, para ver quais os melhores ângulos de observação e para as crianças se familiarizarem com a câmara de filmar, de forma a minimizar a influência do equipamento no comportamento das crianças.

O protocolo de observação integrou a área onde as crianças estavam, estabelecendo-se as seguintes categorias:

- CAS: para quando as crianças se encontravam a brincar na área da casa;
- COZ: para quando as crianças estavam a brincar na área da cozinha;
- SP: para quando as crianças permaneciam a brincar na área do supermercado;
- CONS: para quando se encontravam a brincar na área das construções;
- J: para quando as crianças estavam na área dos jogos;
- P: para quando as crianças se encontravam na área da plástica;

- B: para quando as crianças permaneciam a brincar na área da biblioteca;
- OUT: para quando as crianças faziam outras coisas sem ser atividade lúdica ou sem estar em nenhuma área específica, como ir à casa de banho, andar pela sala, discutir com os seus pares, observar os outros sem fazer qualquer atividade, atividades paralelas (sem estar em nenhuma área específica) e ir ter com as estagiárias, educadora, auxiliar de educação ou qualquer outros que entrassem na sala de atividades.

No dia 14 de dezembro de 2011 foi realizada a filmagem, que decorreu normalmente, sem qualquer intervenção de adultos, ocupando estes um papel não interventivo. Foram filmadas todas as crianças constituintes da população, durante 30 minutos, tendo sido cronometrado o tempo de permanência de cada criança nas ABA.

4.3.3 FASES DO ESTUDO

O presente estudo teve início no mês de outubro de 2011 e término no mês de fevereiro de 2012.

Segue-se um quadro que representa as diferentes fases do estudo e os procedimentos a ele associados.

Quadro 9 - Calendarização do estudo realizado

Calendarização	
Datas	Fases do estudo
outubro a novembro de 2011	<p>Orientação para o problema;</p> <p>Pedido de autorização à instituição e à educadora cooperante;</p> <p>Recolha das autorizações dos encarregados de educação para fotografia e filmagem;</p> <p>Iniciação da quarta-feira de atividade lúdica livre durante a exploração das Áreas Básicas de Atividade;</p>
novembro a janeiro de 2011	<p>Revisão da literatura;</p> <p>Elaboração da metodologia;</p> <p>Preparação da filmagem;</p> <p>Filmagem</p>

	Realização de entrevistas às crianças; Análise das filmagens e preenchimento da ficha de observação;
fevereiro de 2011	Atualização da revisão da literatura; Realização das conclusões do estudo; Revisão final do trabalho;

4.3.4 RECOLHA, ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Recorreu-se a uma amostragem temporal, em que ao longo de 30 minutos de filmagem se observaram, através das categorias anteriormente criadas, as crianças em contexto de atividade lúdica livre. Efetuou-se um registo de duração de cada categoria (tempo de início e tempo final) em que cada criança esteve envolvida. Os dados permitiram uma apreciação quantitativa.

As entrevistas permitiram completar os dados, de forma a sabermos quais as ABA preferidas. Foram analisadas da seguinte forma: a resposta à primeira questão (Qual a tua área da sala preferida?) foi classificada de acordo com as categorias existentes. Para analisar as respostas à segunda questão (Porquê?) foram agrupados conjuntos de respostas idênticas, quantificando-se o número de crianças que deram a mesma resposta.

Os instrumentos de recolha de dados foram a observação direta e a entrevista semiestruturada.

O tratamento estatístico foi efetuado a partir do software Excel, com o cálculo de intervalos de duração de tempo das diferentes categorias e respetivas percentagens.

4.3.5 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO

O presente estudo realizou-se num jardim de infância do concelho de Viana do Castelo, na sala dos cinco anos (existindo na sala apenas três crianças com quatro anos de idade).

Desta sala faziam parte 18 crianças, pelo que todas participaram. Do grupo fazem parte sete elementos do género masculino e onze do género feminino.

Quadro 10 - População do estudo

Idade/Género	Feminino	Masculino	Subtotal
4 anos	3	0	3
5 anos	8	7	15
Subtotal	11	7	18

4.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo irão ser apresentados e interpretados os dados relativos ao comportamento observado nas crianças, através da análise da taxa de ocupação das áreas da sala, durante a exploração livre das ABA, diferenciando-se por género e idade. Numa fase posterior, apresentar-se-ão os resultados referentes às preferências lúdicas das crianças, analisando as razões de tais preferências.

4.4.1 COMPORTAMENTO LÚDICO OBSERVADO DURANTE A EXPLORAÇÃO DAS ÁREAS BÁSICAS DE ATIVIDADE

O objetivo fulcral do presente estudo foi saber quais as Áreas Básicas de Atividade preferidas pelas crianças, através da taxa de ocupação das mesmas, em contexto de sala de jardim de infância. Pretendia-se ainda saber se as maiores taxas de ocupação correspondiam com as áreas preferidas pelas crianças.

No quadro 11 são apresentados discriminadamente os resultados do comportamento lúdico das crianças, observados na exploração livre das ABA, de acordo com as categorias definidas: CONS, COZ, SP, CAS, J, B, P e OUT. Na figura 11 ilustramos os mesmos resultados mas apenas em termos percentuais.

Quadro 11 - Tempo e valor percentual de cada criança durante a exploração livre das ABA

N = 18 CÓDIGO DA CRIANÇA	SEXO	IDADE	CONS		COZ		SP		CAS		J		B		P		OUT		Tempo de Observação
			tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	
A	M	5	00:16:14	54,1	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:07:47	25,9	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:05:59	19,9	00:30:00
B	M	5	00:00:09	0,5	00:17:57	59,8	00:07:20	24,4	00:01:57	6,5	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:02:37	8,7	00:30:00
C	M	5	00:00:10	0,6	00:03:29	11,6	00:00:00	0,0	00:00:06	0,3	00:00:00	0,0	00:02:40	8,9	00:06:10	20,6	00:17:25	58,1	00:30:00
D	M	5	00:29:57	99,8	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:03	0,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:30:00
E	M	5	00:15:58	53,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:08:56	29,8	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:05:06	17,0	00:30:00
F	M	5	00:29:50	99,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:03	0,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:07	0,4	00:30:00
G	M	5	00:20:05	66,9	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:03:42	12,3	00:00:00	0,0	00:02:55	9,7	00:03:18	11,0	00:30:00
H	F	5	00:00:00	0,0	00:15:34	51,9	00:06:21	21,2	00:00:00	0,0	00:07:37	25,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:28	1,6	00:30:00
I	F	4	00:00:00	0,0	00:10:25	34,7	00:09:23	31,3	00:02:03	6,8	00:00:00	0,0	00:04:56	16,4	00:00:00	0,0	00:03:13	10,7	00:30:00
J	F	5	00:00:00	0,0	00:20:17	67,6	00:06:12	20,7	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:14	0,8	00:00:00	0,0	00:03:17	10,9	00:30:00
K	F	5	00:17:06	57,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:10:38	35,4	00:00:37	2,1	00:00:00	0,0	00:01:39	5,5	00:30:00
L	F	5	00:26:28	88,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:12	0,7	00:00:00	0,0	00:03:20	11,1	00:00:00	0,0	00:30:00
M	F	4	00:00:00	0,0	00:15:17	50,9	00:06:31	21,7	00:01:55	6,4	00:00:00	0,0	00:05:38	18,8	00:00:00	0,0	00:00:39	2,2	00:30:00
N	F	5	00:00:00	0,0	00:17:54	59,7	00:08:10	27,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:36	2,0	00:00:00	0,0	00:03:20	11,1	00:30:00
O	F	5	00:00:06	0,3	00:06:25	21,4	00:02:58	9,9	00:02:13	7,4	00:13:34	45,2	00:00:00	0,0	00:01:18	4,3	00:03:26	11,4	00:30:00
P	F	5	00:00:00	0,0	00:23:06	77,0	00:02:22	7,9	00:02:15	7,5	00:00:11	0,6	00:00:58	3,2	00:00:11	0,6	00:00:57	3,2	00:30:00
Q	F	4	00:00:00	0,0	00:11:03	36,8	00:06:29	21,6	00:06:36	22,0	00:00:00	0,0	00:05:14	17,4	00:00:00	0,0	00:00:38	2,1	00:30:00
R	F	5	00:06:24	21,3	00:12:07	40,4	00:00:56	3,1	00:00:58	3,2	00:05:14	17,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:04:21	14,5	00:30:00
TOTAL			2:42:27	30,1	2:33:34	28,4	0:56:42	10,5	0:18:03	3,3	0:57:57	10,7	0:20:53	3,9	0:13:54	2,6	0:56:30	10,5	

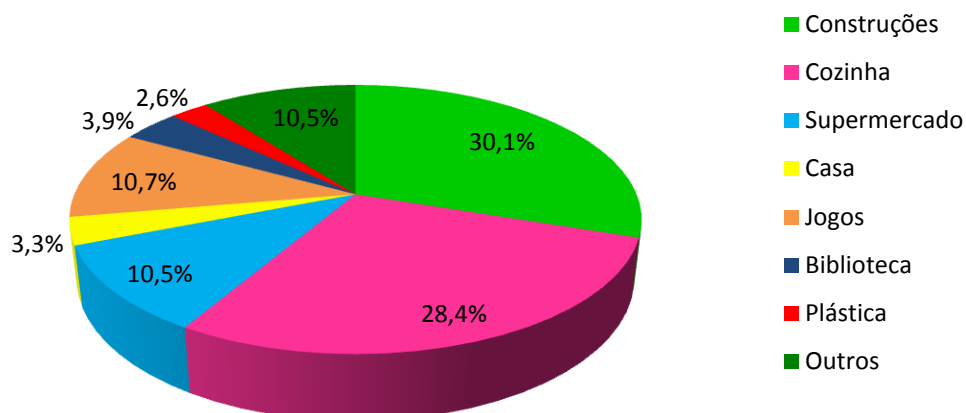


Figura 11 - Taxa de ocupação das ABA

Pela leitura dos dados acima descritos, podemos verificar que as crianças desta amostra, durante a exploração livre das ABA, permaneceram maioritariamente na área das Construções, cerca de 30,1% do tempo total observado. No entanto, houve uma área que se aproximou muito, a área da Cozinha, com uma taxa de ocupação de 28,4%. Segue-se, a área dos Jogos, com 10,7% e, posteriormente, com igual taxa de ocupação, a área do Supermercado e a categoria Outros, com 10,5%. Aparece-nos então, a área da Biblioteca, com 3,9%. Com menos taxa de ocupação temos a área da Casa, com 3,3% e a área da Plástica, com 2,6% do tempo total observado.

Da análise e interpretação dos dados, pode-se referir que na maior parte do tempo em que as crianças foram observadas estiveram em atividade lúdica cerca de 89,5% (soma do tempo total que permaneceram nas ABA, excluindo-se apenas o tempo passado na categoria Outros), sendo que apenas 10,5% do tempo total de observação (referente à categoria Outros) foi ocupado com outro tipo de atividade. Assim, denotou-se o quanto as crianças gostam da atividade lúdica, orientando-se livremente pelas áreas, verificando-se, tal como Garvey (1979), que o brincar é um comportamento com altíssima taxa de frequência em períodos de crescimento intenso, como é o caso da população do estudo.

Com isto, pode-se também verificar como o brincar é fulcral na vida da criança, como forma de experimentar e interagir com o que nos rodeia, como salientaram Oliveira (1995) e Silva e Santos (2009).

Apenas uma criança frequentou duas categorias, todas as outras foram alternando as áreas que ocupavam. Isto coincidiu com o referido por Salomão e Martini (2007) e por Chateau (1975), que as crianças desta faixa etária permanecem pouco tempo numa atividade, exigindo uma troca constante e rápida de ações. “A tendência da criança é ser activa e, durante horas de vigília, a sua energia parece ilimitada... o movimento dá-lhe não só uma forma de resposta imediata ao ambiente que a cerca, como também os meios de o explorar.” (Sintra da Encarnação, 1972, p.21/22).

4.4.2 COMPORTAMENTO LÚDICO DO GÊNERO MASCULINO

Neste subcapítulo apresentam-se e analisam-se apenas os dados referentes às crianças do gênero masculino, de forma a avaliar mais pormenorizadamente a taxa de ocupação das ABA por este grupo.

Quadro 12 - Tempo e valor percentual das crianças do gênero masculino durante a exploração livre das ABA

N = 7 CÓDIGO DA CRIANÇA	SEXO	IDADE	CONS		COZ		SP		CAS		J		B		P		OUT		Tempo de Observação
			tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	
A	M	5	00:16:14	54,1	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:07:47	25,9	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:05:59	19,9	00:30:00
B	M	5	00:00:09	0,5	00:17:57	59,8	00:07:20	24,4	00:01:57	6,5	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:02:37	8,7	00:30:00
C	M	5	00:00:10	0,6	00:03:29	11,6	00:00:00	0,0	00:00:06	0,3	00:00:00	0,0	00:02:40	8,9	00:06:10	20,6	00:17:25	58,1	00:30:00
D	M	5	00:29:57	99,8	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:03	0,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:30:00
E	M	5	00:15:58	53,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:08:56	29,8	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:05:06	17,0	00:30:00
F	M	5	00:29:50	99,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:03	0,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:07	0,4	00:30:00
G	M	5	00:20:05	66,9	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:03:42	12,3	00:00:00	0,0	00:02:55	9,7	00:03:18	11,0	00:30:00
TOTAL			01:52:23	53,5	00:21:26	10,2	00:07:20	3,5	00:02:03	1,0	00:20:31	9,8	00:02:40	1,3	00:09:05	4,3	00:34:32	16,4	

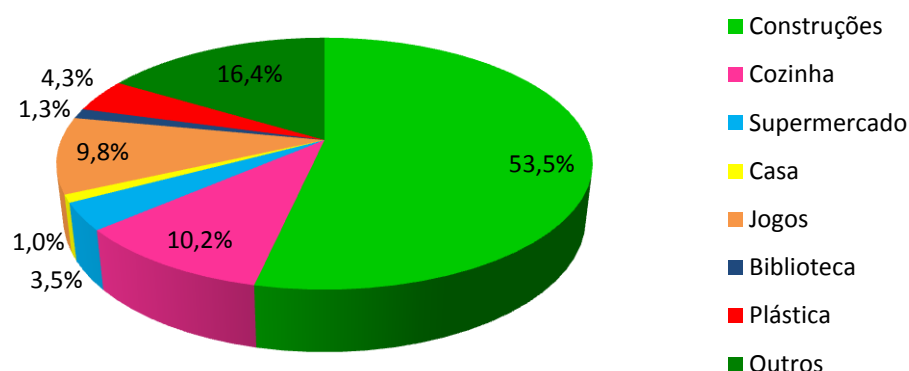


Figura 12 - Taxa de ocupação das ABA das crianças do gênero masculino

Através do quadro 12 e do gráfico circular correspondente à figura 12, podemos verificar que aqueles que mais contribuíram para que a área das Construções fosse a que tivesse maior taxa de ocupação, foram as crianças do gênero masculino, uma vez que passaram mais de metade do tempo total observado (53,5%) nesta área. Isto coincide com o defendido por Chateau (1975) que “...enquanto que nos dois primeiros anos, as crianças de ambos os sexos preferem materiais com os quais podem fazer construções, depois dos 4 anos, esta preferência não subsiste senão nos rapazes...” (p.148). O mesmo autor referiu ainda que, em geral, os rapazes preferem os materiais de construção a qualquer outro material.

Na análise da taxa de ocupação das áreas pelas crianças do gênero masculino podemos ainda verificar que se seguiu a categoria Outros, com 16,4%. Posteriormente, temos a área da Cozinha (10,2%) e a área dos Jogos (9,8%). E aquelas áreas que foram menos correspondidas, durante o tempo de observação das crianças do sexo masculino, foram as áreas da Plástica (4,3%), do Supermercado (3,5%), da Biblioteca (1,3%) e a Casa (1,0%).

De acordo com Chateau (1975), Papalia e Olds (1998) e Neto (1997), os rapazes realizam jogos ativos e vigorosos. Têm tendência a dominar e a gostar das brincadeiras barulhentas e agitadas em grupos grandes.

4.4.3 COMPORTAMENTO LÚDICO DO GÊNERO FEMININO

Neste subcapítulo apresentam-se e analisam-se agora apenas os dados referentes às crianças do gênero feminino, de forma a avaliar mais pormenorizadamente a taxa de ocupação das ABA por este grupo.

Quadro 13 - Tempo e valor percentual das crianças do gênero feminino durante a exploração livre das ABA

N=11 CÓDIGO DA CRIANÇA	SEXO	IDADE	CONS		COZ		SP		CAS		J		B		P		OUT		Tempo de Observação
			tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	
H	F	5	00:00:00	0,0	00:15:34	51,9	00:06:21	21,2	00:00:00	0,0	00:07:37	25,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:28	1,6	00:30:00
I	F	4	00:00:00	0,0	00:10:25	34,7	00:09:23	31,3	00:02:03	6,8	00:00:00	0,0	00:04:56	16,4	00:00:00	0,0	00:03:13	10,7	00:30:00
J	F	5	00:00:00	0,0	00:20:17	67,6	00:06:12	20,7	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:14	0,8	00:00:00	0,0	00:03:17	10,9	00:30:00
K	F	5	00:17:06	57,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:10:38	35,4	00:00:37	2,1	00:00:00	0,0	00:01:39	5,5	00:30:00
L	F	5	00:26:28	88,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:12	0,7	00:00:00	0,0	00:03:20	11,1	00:00:00	0,0	00:30:00
M	F	4	00:00:00	0,0	00:15:17	50,9	00:06:31	21,7	00:01:55	6,4	00:00:00	0,0	00:05:38	18,8	00:00:00	0,0	00:00:39	2,2	00:30:00
N	F	5	00:00:00	0,0	00:17:54	59,7	00:08:10	27,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:36	2,0	00:00:00	0,0	00:03:20	11,1	00:30:00
O	F	5	00:00:06	0,3	00:06:25	21,4	00:02:58	9,9	00:02:13	7,4	00:13:34	45,2	00:00:00	0,0	00:01:18	4,3	00:03:26	11,4	00:30:00
P	F	5	00:00:00	0,0	00:23:06	77,0	00:02:22	7,9	00:02:15	7,5	00:00:11	0,6	00:00:58	3,2	00:00:11	0,6	00:00:57	3,2	00:30:00
Q	F	4	00:00:00	0,0	00:11:03	36,8	00:06:29	21,6	00:06:36	22,0	00:00:00	0,0	00:05:14	17,4	00:00:00	0,0	00:00:38	2,1	00:30:00
R	F	5	00:06:24	21,3	00:12:07	40,4	00:00:56	3,1	00:00:58	3,2	00:05:14	17,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:04:21	14,5	00:30:00
TOTAL			00:50:04	15,2	02:12:08	40,0	00:49:22	15,0	00:16:00	4,8	00:37:26	11,3	00:18:13	5,5	00:04:49	1,5	00:21:58	6,7	

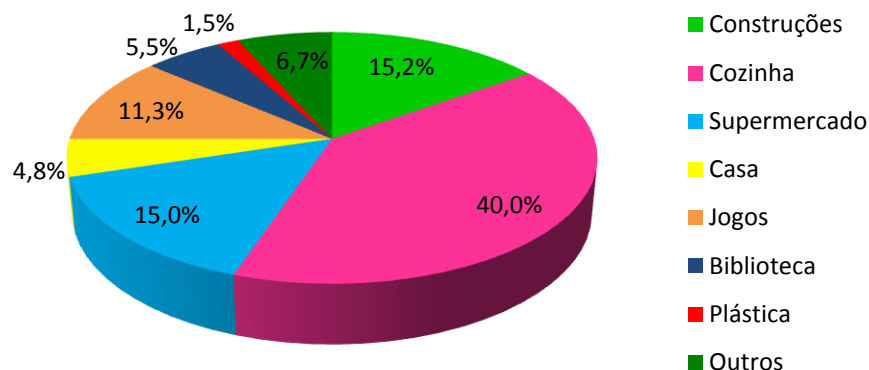


Figura 13 - Taxa de ocupação das ABA das crianças do gênero feminino

No que diz respeito ao gênero feminino, a área com maior taxa de ocupação foi a área da Cozinha, com 40% do tempo total observado, contribuindo de alguma forma para que no quadro geral, esta área se encontrasse muito próxima da área das Construções.

Isto é coincidente com o relatado por Chateau (1975), Papalia e Olds (1998) e Neto (1997) de que as raparigas têm mais tendência para realizar jogos dramáticos, com regras explícitas, mais sossegados e calmos, em pequeno grupo; jogos representativos para elas e mais duradouros, com materiais expressivos e fáceis de adaptar. Chateau (1975) refere ainda, que as crianças do sexo feminino têm preferência por jogos sociais, são mais conservadoras, realizando atividades mais sedentárias e de ação restrita, como é o caso das realizadas na área da Cozinha.

Seguem-se a área das Construções (15,2%) e do Supermercado (15%). Posteriormente, temos a área dos Jogos, com 11,3%, e Outros, com 6,7% do tempo total observado.

E no final, com menos taxa de ocupação, por parte do gênero feminino, encontram-se as áreas da Biblioteca (5,5%), da Casa (4,8%), a da Plástica com 1,5% do tempo total.

4.4.4 COMPARAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO LÚDICO DO GÊNERO MASCULINO E FEMININO

De acordo com Dempsey e Frost (2002) existem diferenças entre rapazes e raparigas quanto ao uso do espaço, assim como, quanto ao uso dos brinquedos, sendo que estes últimos ocupam um lugar mais importante do que o espaço. Mencionam ainda que “...a presença de crianças do sexo oposto, tende a aumentar as formas de jogo sexualmente estereotipadas e a inibir as não estereotipadas. (p.699)

Quadro 14 - Comparação entre géneros do valor percentual de ocupação de cada uma das ABA

N =18								
GÉNERO	CONS	COZ	SP	CAS	J	B	P	OUT
Masculino	53,5%	10,2%	3,5%	1%	9,8%	1,3%	4,3%	16,4%
Feminino	15,2%	40%	15%	4,8%	11,3%	5,5%	1,5 %	6,7%

Examinando o quadro comparativo 14, podemos averiguar que a área das Construções foi aquela que teve maior taxa de ocupação por parte do sexo masculino (53,5%), porém, por parte do sexo feminino, foi a área da Cozinha (40%). Segundo Flinchum (1981), dos 5 anos em diante, aproximadamente, começam a surgir diferenças, com rapazes mais direcionados para certas atividades e raparigas para outras.

A área do Supermercado e dos Jogos, embora não detenham as maiores taxas de ocupação, têm um lugar significativo. As áreas menos ocupadas por ambos os sexos, embora com percentagens diferentes, foram a área da Casa, da Biblioteca e da Plástica. Verificou-se o referido por Papalia e Olds (1998) de que “...os rapazes e as raparigas em geral brincam de forma diferente e nenhum parece gostar do estilo do sexo oposto.” (p.383)

O sexo feminino distribui melhor o tempo pelas várias áreas existentes na sala de jardim de infância e dedicou mais tempo à atividade lúdica do que o sexo masculino, uma vez que, tem menos percentagem de tempo passado na categoria Outros.

Podemos verificar que existem diferenças nas brincadeiras entre crianças do sexo masculino e crianças do sexo feminino comparando a taxa de ocupação de ambos os géneros. Assim, como defendido por Pomar e Neto (1997), as estereotipias estiveram presentes na atividade lúdica, influenciando algumas das preferências das crianças.

4.4.5 COMPORTAMENTO LÚDICO DAS CRIANÇAS DE 4 ANOS

Neste subcapítulo apresentam-se e analisam-se apenas os dados referentes às crianças de 4 anos, de forma a avaliar mais pormenorizadamente a taxa de ocupação das ABA por este grupo, não muito representativo.

Quadro 15 - Tempo e valor percentual das crianças de 4 anos durante a exploração livre das ABA

N = 3 CÓDIGO DA CRIANÇA	SEXO	IDADE	CONS		COZ		SP		CAS		J		B		P		OUT		Tempo de Observação
			tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	
I	F	4	00:00:00	0,0	00:10:25	34,7	00:09:23	31,3	00:02:03	6,8	00:00:00	0,0	00:04:56	16,4	00:00:00	0,0	00:03:13	10,7	00:30:00
M	F	4	00:00:00	0,0	00:15:17	50,9	00:06:31	21,7	00:01:55	6,4	00:00:00	0,0	00:05:38	18,8	00:00:00	0,0	00:00:39	2,2	00:30:00
Q	F	4	00:00:00	0,0	00:11:03	36,8	00:06:29	21,6	00:06:36	22,0	00:00:00	0,0	00:05:14	17,4	00:00:00	0,0	00:00:38	2,1	00:30:00
TOTAL			00:00:00	0,0	00:36:45	40,8	00:22:23	24,9	00:10:34	11,7	00:00:00	0,0	00:15:48	17,6	00:00:00	0,0	00:04:30	5,0	

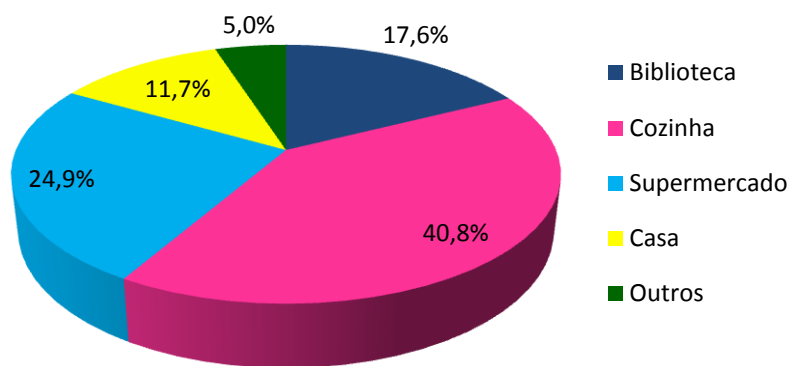


Figura 14 - Taxa de ocupação das ABA das crianças de 4 anos

No que diz respeito à diferenciação por idades a amostra dos 4 anos não é representativa, uma vez que apenas três crianças da amostra total tinham 4 anos. Podemos apenas constatar que essas crianças passaram 40,8% do seu tempo total de observação na área da Cozinha, 24,9% na área do Supermercado, 17,6% na área da Biblioteca, 11,7% na área da Casa e 5% na categoria Outros. Salientamos que todas as crianças de 4 anos são do sexo feminino.

Apesar da área das Construções ter ocupado o primeiro lugar quanto à taxa de ocupação na tabela geral, constata-se que as crianças de 4 anos não passaram lá nenhum do seu tempo. Chateau (1975) referiu que os grandes aceitam facilmente os pequenos nos seus jogos, porém estes dificilmente se integram nos mesmos.

O facto de esta população de 4 anos ser unicamente constituída por crianças do sexo feminino faz com que dominem jogos mais sossegados e calmos, em pequeno grupo, jogos “faz de conta”, com materiais expressivos e fáceis de adaptar. (Chateau, 1975; Papalia & Olds, 1998; Neto, 1997)

De acordo com Pelegrini e Boyd (2002), a fantasia ocupa um lugar muito importante no brincar até aos 5 anos.

Gesell (1979) referiu que aos 4 anos “... as brincadeiras imaginativas da vida doméstica podem prolongar-se agora por períodos demorados... podem brincar também a dirigir um estabelecimento...”(p.331), o que explica o facto de as áreas da Cozinha e do Supermercado serem as mais ocupadas pelas crianças deste grupo etário.

4.4.6 COMPORTAMENTO LÚDICO DAS CRIANÇAS DE 5 ANOS

Neste subcapítulo apresentam-se e analisam-se os dados referentes às crianças de 5 anos, de forma a avaliar mais pormenorizadamente a taxa de ocupação das ABA por este grupo.

Quadro 16- Tempo e valor percentual das crianças de 5 anos durante a exploração livre das ABA

N = 15	NOME DA CRIANÇA	SEXO	IDADE	CONS		COZ		SP		CAS		J		B		P		OUT		Tempo de Observação
				tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	tempo	%	
	A	M	5	00:16:14	54,1	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:07:47	25,9	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:05:59	19,9	00:30:00
	B	M	5	00:00:09	0,5	00:17:57	59,8	00:07:20	24,4	00:01:57	6,5	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:02:37	8,7	00:30:00
	C	M	5	00:00:10	0,6	00:03:29	11,6	00:00:00	0,0	00:00:06	0,3	00:00:00	0,0	00:02:40	8,9	00:06:10	20,6	00:17:25	58,1	00:30:00
	D	M	5	00:29:57	99,8	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:03	0,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:30:00
	E	M	5	00:15:58	53,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:08:56	29,8	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:05:06	17,0	00:30:00
	F	M	5	00:29:50	99,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:03	0,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:07	0,4	00:30:00
	G	M	5	00:20:05	66,9	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:03:42	12,3	00:00:00	0,0	00:02:55	9,7	00:03:18	11,0	00:30:00
	H	F	5	00:00:00	0,0	00:15:34	51,9	00:06:21	21,2	00:00:00	0,0	00:07:37	25,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:28	1,6	00:30:00
	J	F	5	00:00:00	0,0	00:20:17	67,6	00:06:12	20,7	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:14	0,8	00:00:00	0,0	00:03:17	10,9	00:30:00
	K	F	5	00:17:06	57,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:10:38	35,4	00:00:37	2,1	00:00:00	0,0	00:01:39	5,5	00:30:00
	L	F	5	00:26:28	88,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:12	0,7	00:00:00	0,0	00:03:20	11,1	00:00:00	0,0	00:30:00
	N	F	5	00:00:00	0,0	00:17:54	59,7	00:08:10	27,2	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:00:36	2,0	00:00:00	0,0	00:03:20	11,1	00:30:00
	O	F	5	00:00:06	0,3	00:06:25	21,4	00:02:58	9,9	00:02:13	7,4	00:13:34	45,2	00:00:00	0,0	00:01:18	4,3	00:03:26	11,4	00:30:00
	P	F	5	00:00:00	0,0	00:23:06	77,0	00:02:22	7,9	00:02:15	7,5	00:00:11	0,6	00:00:58	3,2	00:00:11	0,6	00:00:57	3,2	00:30:00
	R	F	5	00:06:24	21,3	00:12:07	40,4	00:00:56	3,1	00:00:58	3,2	00:05:14	17,4	00:00:00	0,0	00:00:00	0,0	00:04:21	14,5	00:30:00
	TOTAL			02:42:27	36,1	01:56:49	25,96	00:34:19	7,63	00:07:29	1,66	00:57:57	12,88	00:05:05	1,13	00:13:54	3,09	00:52:00	11,55	

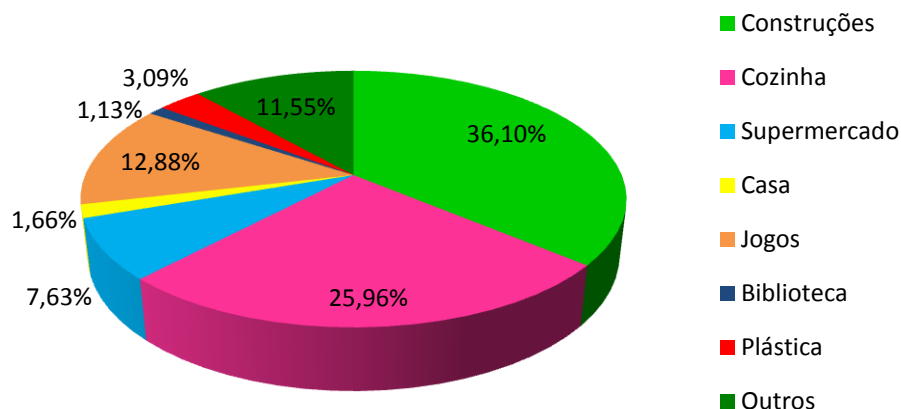


Figura 15 - Taxa de ocupação das ABA das crianças de 5 anos

No que diz respeito à parte da população de crianças de 5 anos, esta é mais representativa, contando com 15 crianças. O grupo desta faixa etária teve como maior taxa de ocupação a área das Construções com 36,1% do tempo total. Seguiu-se a área da Cozinha com 25,96%, a área dos Jogos com 12,88% e a categoria Outros com 11,55%.

Nos estudos de Van der Kooij citado em Neto (2001) existe aos cinco anos uma adoração especial pela criatividade de construir algo.

Depois, com menor taxa, tivemos a área do Supermercado com 7,63%, a área da Plástica com 3,09%, a área da Casa com 1,66% e a área da Biblioteca com 1,13% do tempo total observado.

Chateau (1975) referiu que existe uma evolução do lúdico, variando os tipos de jogos com a idade. Primeiramente temos jogos funcionais, depois de imitação e numa fase posterior de construção. Citou ainda, tal como se verificou no presente estudo, que as crianças se interessam primeiramente pelas construções e só numa fase posterior, em idade escolar, pela desenho e plástica.

De acordo com Dempsey e Frost (2002), à medida que a idade aumenta as crianças precisam de menos objetos para o jogo simbólico. Os adereços realistas tendem a inibir o jogo “faz de conta” dos níveis etários mais altos do jardim de infância. As crianças desta faixa etária brincam mais e com níveis cognitivos maiores, quando estão com seus pares.

4.4.7 COMPARAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO LÚDICO DAS CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS

Pelegri e Boyd (2002) referiram que as crianças gostam muito de brincar e mostram preferências diferenciadas pelo equipamento lúdico de acordo com as idades.

Quadro 17 - Comparação entre idades dos valores percentuais de ocupação de cada uma das ABA

N =18								
IDADE	CONS	COZ	SP	CAS	J	B	P	OUT
4 ANOS	0%	40,8%	24,9%	11,7%	0%	17,6%	0%	5%
5 ANOS	36,1%	25,96%	7,63%	1,66%	12,88%	1,13%	3,09%	11,55%

Analisando o quadro 17, referente à comparação entre crianças de 4 e 5 anos, apesar do grupo de 4 anos não ser muito representativo, podemos verificar que existem algumas diferenças.

De acordo com Dempsey e Frost (2002), as crianças mais novas precisam mais de objetos realistas para o jogo simbólico. De facto, as crianças de 4 anos passaram a maioria do seu tempo na área da Cozinha (40,8%), na área do Supermercado (24,9%) e na área da Casa (11,7%), sendo estas as áreas que promovem mais o jogo simbólico. A área da Biblioteca aparece também com algum relevo (17,6%), na observação desta faixa etária. Interessa ainda salientar que este pequeno grupo dos 4 anos foi aquele que dedicou mais tempo à área da Casa (11,7%). As áreas dos Jogos, Plástica e Construções não foram ocupadas por crianças de 4 anos, em nenhum dos momentos de observação.

Neto (2001) citou que “... o comportamento de jogo de construção tem uma expressão nula para o escalão etário dos 4 anos, apresentando-se apenas um pico de ascensão mínimo para a idade dos cinco anos.” (p.168). De facto no quadro geral, a área das Construções foi a que teve maior taxa de ocupação (30,1%), no entanto, as crianças de 4 anos não contribuíram para isso, talvez porque, como referiram Pelegri e Boyd (2002), nas construções as crianças empenham menos fantasia e, quando as crianças mais novas experimentam dificuldades no jogo cooperativo voltam para o fantástico, de forma solitária.

A parte da amostra pertencente ao grupo etário de 5 anos teve a maior taxa de ocupação, tal como o quadro geral, na área das Construções (36,1%) e na área da Cozinha (25,96%), sendo que se seguiu a área dos Jogos (12,88%) e a área do Supermercado (7,63%). As áreas menos ocupadas por este grupo, foram as áreas da Plástica (3,09%), da Casa (1,66%) e da Biblioteca (1,13%).

As crianças de 5 anos distribuíram melhor o seu tempo pelas várias áreas existentes na sala de jardim de infância, pois as crianças de 4 anos só estiveram em quatro das sete áreas da sala. No entanto, as crianças de 4 anos dedicaram mais tempo à atividade lúdica, uma vez que têm menos percentagem de tempo na categoria Outros.

Podemos verificar que existiram diferenças nas brincadeiras entre crianças de 4 e de 5 anos, comparando a taxa de ocupação das ABA por parte de ambas as idades.

4.4.8 PREFERÊNCIAS LÚDICAS DAS CRIANÇAS EM CONTEXTO DE SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA

Analizamos de seguida as preferências das crianças quanto às ABA, com vista a percebermos se existe uma relação direta entre as ABA com maior taxa de ocupação e as ABA preferidas.

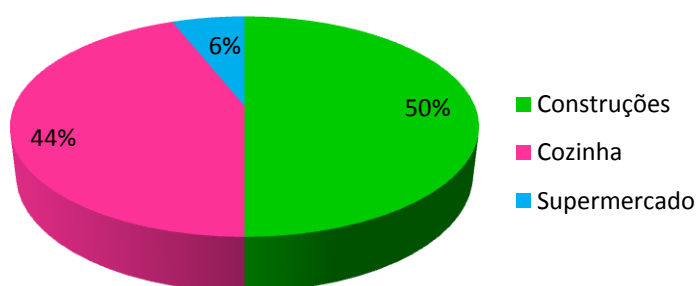


Figura 16 -Preferências lúdicas das crianças em sala de jardim de infância

De acordo com análise da figura 16, produzida com base na análise das entrevistas realizadas às crianças, pode-se verificar que a área preferida é a área das Construções, com 50% (9 crianças). Segue-se a área da Cozinha, preferida por 44% da população (8 crianças) e a área do Supermercado, como área preferida de 6% (1 criança). As restantes áreas (Biblioteca, Casa, Plástica e Jogos) não se incluíram nas preferências da amostra.

A área das Construções foi a área com maior número de preferências, eleita por metade da amostra total (50%). Wanderlind, Martins, Hansen, Macarini e Vieira (2006) referiram que meninos e meninas gostam muito da área das Construções.

Tal como Pereira e Neto (1997) verificou-se que, embora não sendo a área da Cozinha que apresenta o maior número de preferências, existe um elevado número de crianças (44%) que aponta como preferida uma das áreas de “faz de conta”, aqui representada pela área da Cozinha, mas não a realiza prioritariamente.

Estes autores (Pereira & Neto, 1997) também indicaram as áreas de atividades artísticas, jogos didáticos e biblioteca como menos preferidas pelas crianças. No presente estudo, constatamos que essas áreas (Biblioteca, Plástica e Jogos) nem foram apontadas, por nenhum elemento como favoritas. No entanto, ocorreu uma pequena diferença em

relação aos estudos de Pereira e Neto (1997): a área da Casa, embora pertença à caracterização de “faz de conta”, também não é a predileta de nenhuma das crianças.

Chateau (1975) salientou que as crianças citam facilmente o que queriam praticar em detrimento do que realmente praticam.

4.4.8.1 PREFERÊNCIAS LÚDICAS DO GÊNERO MASCULINO EM CONTEXTO DE SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA

Analisamos agora apenas as preferências das crianças do gênero masculino, com vista a percebermos as opções preferenciais deste grupo.

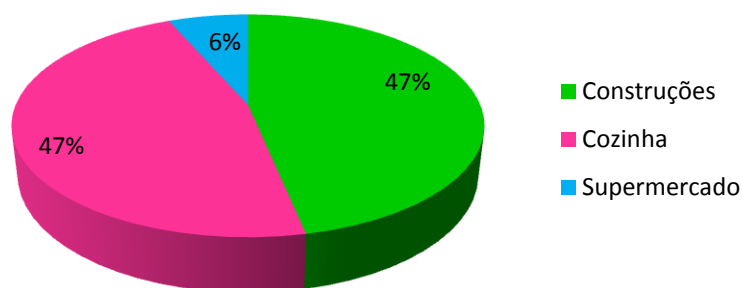


Figura 17 - Preferências lúdicas das crianças do gênero masculino na sala de jardim de infância

No que diz respeito às preferências do sexo masculino quanto às Áreas Básicas de Atividade, podemos verificar através da figura 17 que se encontram em pé de igualdade, com 47% das preferências (3 crianças), a área da Cozinha e a das Construções, sendo que apenas 6% da população do gênero masculino (1 criança) elegeu a área do Supermercado como preferida.

Wanderlind, Martins, Hansen, Macarini e Vieira (2006) referiram que os meninos preferem brincar com blocos, veículos, ferramentas e brincadeiras movimentadas, materiais da área das Construções. No entanto, no presente estudo a área das Construções encontra-se com igual número de preferências em relação à área da Cozinha.

Esperava-se que a área da Cozinha não possuísse grande taxa de preferência por parte do gênero masculino, devido a estereótipos de gênero, no entanto, isso não aconteceu.

4.4.8.2 PREFERÊNCIAS LÚDICAS DO GÊNERO FEMININO EM CONTEXTO DE SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA

Analisamos de seguida as preferências das crianças do género feminino, de forma a conhecermos apenas as predileções deste grupo.

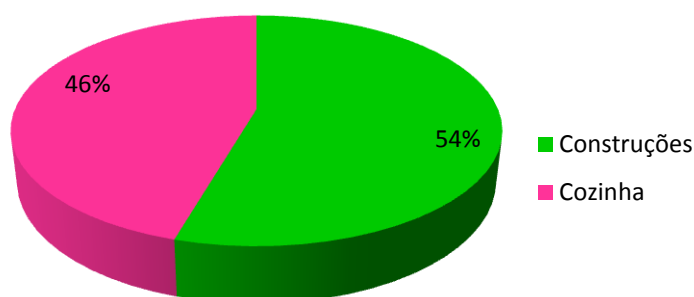


Figura 18 - Preferências lúdicas do género feminino em sala de jardim de infância

De acordo com a análise das preferências do género feminino quanto às ABA temos com 54% (6 crianças) a área das Construções e com 46% (5 crianças) a área da Cozinha.

Wanderlind, Martins, Hansen, Macarini e Vieira (2006) expuseram que as meninas, em geral, preferem brincar com bonecas e acessórios, elegem brincadeiras calmas e festivas. Chateau (1975) e Papalia e Olds (1998) realçam que as raparigas escolhem jogos dramáticos e representativos para elas, com materiais expressivos e fáceis de adaptar. Chateau (1975) refere ainda que as crianças do sexo feminino têm preferência por atividades mais sedentárias e de ação restrita, como é o caso das realizadas na área da Cozinha.

Ao contrário do retratado por estes autores, neste estudo verificou-se que as preferências das crianças do género feminino concentram-se maioritariamente na área das Construções (54%), embora a área da Cozinha se aproxime muito (46%). A área da Casa, onde se concentra a maioria da brincadeira com bonecas e acessórios, nem sequer foi referida nas preferências de nenhuma das crianças.

4.4.8.3 COMPARAÇÃO ENTRE A TAXA DE OCUPAÇÃO DAS ABA E AS PREFERÊNCIAS LÚDICAS DAS CRIANÇAS EM CONTEXTO DE SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA

Comparamos de seguida a taxa de ocupação das ABA com as preferências lúdicas apontadas pelas crianças, de forma a verificarmos se o que realizam coincide com aquilo que preferem.

Quadro 18 - Comparação entre o valor percentual da taxa de ocupação das ABA com as preferências lúdicas das crianças

	N =18 GÉNERO	CONS	COZ	SP	CAS	J	B	P	OUT
Taxa de ocupação das ABA durante a observação	Masculino	53,5%	10,2%	3,5%	1%	9,8%	1,3%	4,3%	16,4%
	Feminino	15,2%	40%	15%	4,8%	11,3%	5,5%	1,5 %	6,7%
Preferências lúdicas das crianças quanto às ABA	Masculino	47%	47%	6%	0%	0%	0%	0%	0%
	Feminino	54%	46%	0%	0%	0%	0%	0 %	0%

Em termos de género, o género masculino permaneceu mais tempo na área das Construções (53,5%) e o feminino na área da Cozinha (40%). Nas preferências reveladas pelas entrevistas, a maior parte das meninas tinha como área predileta a das Construções (54%) e os rapazes em igualdade de preferência a área das Construções e a da Cozinha (47%).

Pereira e Neto (1997) defenderam que normalmente não existe coincidência entre práticas mais realizadas e as práticas preferidas. Porém, neste estudo, numa análise geral, maioritariamente, a população realizou com prioridade aquilo que preferem, sendo que a área com maior taxa de ocupação e com maior nível de preferências foi a área das Construções, com 50%, seguindo-se a área da Cozinha, com 44%.

No entanto, se discriminarmos por género, surgiram alguns elementos discordantes, porque a área da sala que apontaram como preferida não foi a área a que

dedicaram mais tempo. É o caso do género masculino, que apontou a área da Cozinha e das Construções no topo das preferências com a mesma percentagem (47%); no entanto, quando se analisa a taxa de ocupação, apenas 10,2% do tempo total de observação foi passado área da Cozinha, enquanto na área das Construções os rapazes estiveram 53,5% do seu tempo total.

O género feminino indicou como preferidas a área das Construções (54%) e a área da Cozinha (46%) e, embora tenham passado tempo noutras áreas, as que indicaram como preferidas foram onde permaneceram mais durante o tempo observado. No entanto, dedicaram mais tempo à área da Cozinha (40%) e só depois à área das Construções (15,2%). Todavia, a área do Supermercado teve uma taxa de ocupação muito próxima da área da Construções por parte do género feminino, com 15%, embora esta área não aparecesse nas preferências das raparigas.

A área do Supermercado apenas foi referenciada nas preferências do género masculino. Podemos ainda verificar que a área dos Jogos, Casa, Plástica e Biblioteca não foram escolhidas como preferidas de nenhum membro da amostra. Porém, apesar destas áreas terem 0% das preferências, tiveram alguma taxa de ocupação por parte das crianças, durante a observação.

4.4.8.4 RAZÕES DAS PREFERÊNCIAS LÚDICAS

De seguida, apresentam-se as razões pelas quais as crianças consideraram tal área como sua favorita.

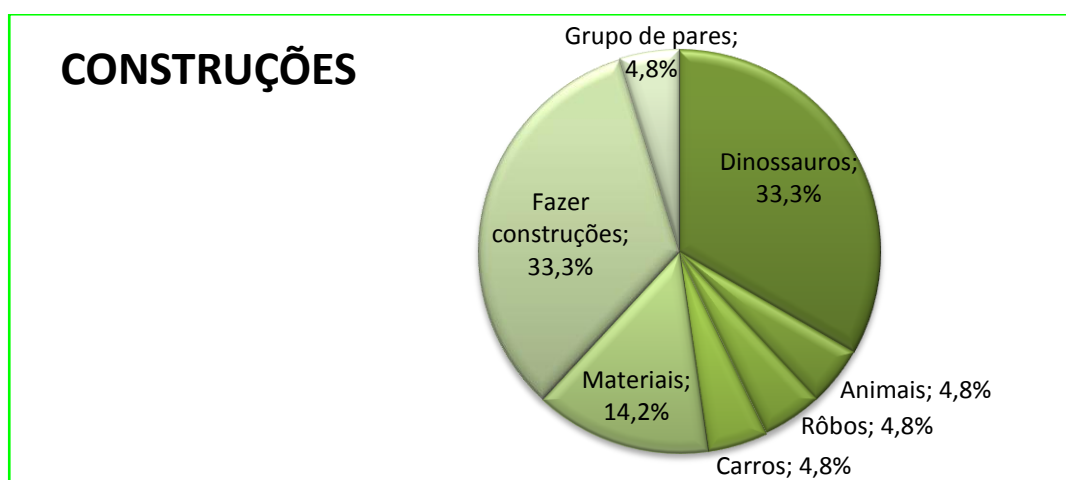


Figura 19 - Razões de preferência da área das Construções

Como podemos verificar através do gráfico circular correspondente à figura 19, as crianças que escolheram a área das Construções como preferida (9 crianças) indicaram as razões pelas quais a tinham escolhido. A maioria das entrevistadas considerou esta área predileta por ter dinossauros (33,3%) e por se poder fazer Construções com legos e outros materiais (33,3%). Seguiu-se como razão os materiais que esta contém (14,2%) e, por fim, por esta área ter objetos específicos como Animais, Carros, Robôs e pelos grupos de pares, ou seja, pelas pessoas que costumam ir para lá (4,8% respetivamente).

Pelegri e Boyd (2002) referiram que as crianças gostam de explorar materiais e entregam-se à fantasia numa área, especialmente quando brincam em conjunto com os seus pares. Queiroz, Maciel e Branco (2006) também defendem a ideia de que as preferências das crianças variam de acordo com as dos seus pares. Realmente quando analisamos os porquês das preferências por determinada área, 4,8% da população, que escolheu a área das Construções como favorita, invocou a razão de gostar daquela área pelas pessoas que para lá vão, ou seja, pelos seus pares se encontrarem lá.

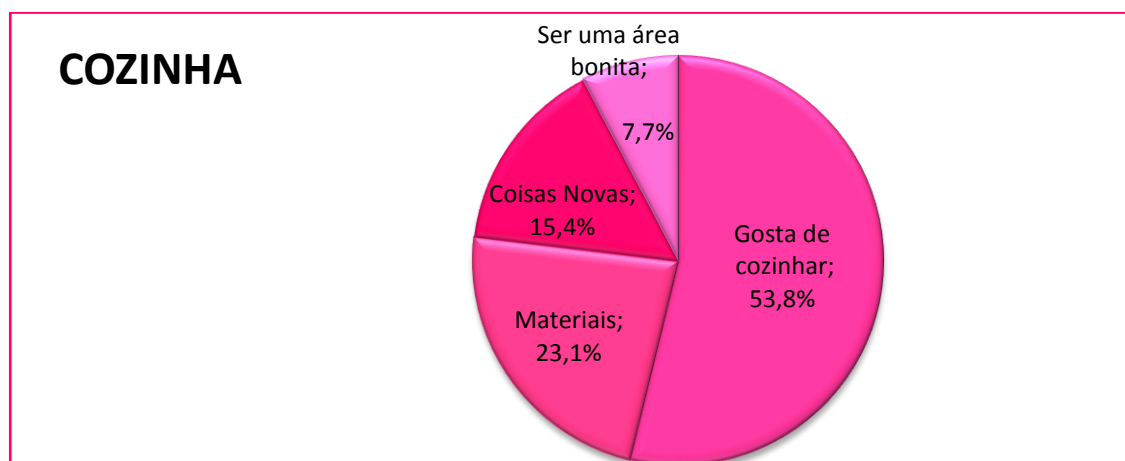


Figura 20 - Razões de preferência da área da Cozinha

A parte da amostra (8 crianças) que considerou a área da Cozinha como área preferida indicou maioritariamente como razão o facto de gostarem de cozinhar (53,8%). Seguiu-se a razão de ser escolhida pelos materiais que contém (23,1%) e posteriormente por ter coisas novas (15,4%). A última razão indicada foi o facto de ser uma área bonita (7,7%).

Gesell (1979) mencionou que as crianças gostam de brincadeiras imaginativas da vida doméstica, onde possam desempenhar papéis de vida futura. Ora, o porquê da preferência da área da Cozinha como eleita pela amostra, centrou-se essencialmente no facto de gostarem de brincar a fingir que cozinham.



Figura 21 - Razões de preferência da área do Supermercado

Como apenas uma criança da amostra indicou a área do Supermercado como eleita pelas suas preferências, indicando apenas uma razão para o sucedido, o facto de se poder vender coisas, apresenta-se o total das razões (100%) para essa mesma preferência.

Gesell (1979) apontou que as crianças destas idades, gostam também de brincar a dirigir um estabelecimento, vendendo coisas, o que coincide com a razão apontada por esta criança, para a área do Supermercado ser a sua favorita.

4.5 CONCLUSÕES

Através da análise e interpretação dos resultados obtidos pode-se inferir as seguintes conclusões:

- As crianças quando colocadas num contexto de atividade livre, sem qualquer tipo de restrições, dedicam maioritariamente o seu tempo à atividade lúdica (89,5%);
- A área com maior taxa de ocupação foi a área das Construções (30,1%), sendo que a área da Cozinha também ocupa um lugar muito substancial (28,4%);
- As áreas da Biblioteca (3,9%), da Casa (3,3%) e da Plástica (2,6%) foram as que tiveram menos taxa de ocupação;
- As áreas do Supermercado (10,5%) e dos Jogos (10,7%), embora não detenham as maiores taxas de ocupação, ocuparam um lugar significativo na taxa de ocupação das ABA.
- Verificou-se uma diferenciação de género, quanto às atividades lúdicas realizadas: as crianças do género masculino dedicam mais tempo à área das Construções (53,5% do seu tempo total observado), enquanto as crianças do género feminino dedicam mais tempo à área da Cozinha (40% do seu tempo total observado);
- O género feminino distribui melhor o seu tempo pelas várias áreas existentes na sala de jardim de infância e dedicou mais tempo à atividade lúdica (sendo que apenas 6,7% do tempo total observado foi passado em Outros) do que o género masculino (com 16,4% do tempo total observado na categoria Outros).
- Ao nível da diferenciação por idades, verificou-se que as crianças de 4 anos permanecem mais tempo em área faz de conta, como a área da Cozinha (40,8%), Supermercado (24,9%) e Casa (11,7%), pois a fantasia está ainda muito marcada. As crianças de 5 anos permanecem mais na área das Construções (36,1%), onde se exigem níveis cognitivos superiores.
- As crianças de 4 anos dedicaram mais tempo à atividade lúdica, uma vez que têm menos percentagem de tempo na categoria Outros (5%) do que as crianças de 5 anos (11,55%).

- As crianças de 5 anos distribuíram melhor o seu tempo pelas várias áreas existentes na sala de jardim-de-infância.
- No que diz respeito às preferências, as crianças do género masculino indicam as áreas das Construções e da Cozinha como igualmente prediletas (com 47%), enquanto que as crianças do género feminino apontam maioritariamente a áreas das Construções como preferida (54%).
- A área do Supermercado apenas foi referenciada nas preferências de uma criança do género masculino.
- Apenas três das sete áreas são apontadas nas preferências. As áreas dos Jogos, Biblioteca, Plástica e Casa não foram eleitas como preferidas por nenhuma das crianças da amostra.
- Maioritariamente, a população realizou com prioridade aquilo que preferia.

4.5.1 CONTRIBUTOS DO ESTUDO PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL

Com este estudo aumentaram-se os conhecimentos acerca da atividade lúdica e do jogo, como potenciadores do desenvolvimento da criança, assim como acerca das formas de os promovermos.

Considera-se que este trabalho teve grande importância no crescimento pessoal e profissional de quem o realizou, uma vez que, através dele, se abriram horizontes não só acerca do tema estudado, como também acerca de formas de trabalhar que promovam atividades benéficas no desenvolvimento integral da criança.

O estudo também trouxe benefícios para as crianças, enquanto potenciador de atividade lúdica livre, na sala de jardim de infância. Olhando para este espaço como aquele onde desfrutam de variadas atividades, as crianças tiveram também a oportunidade de usufruir de atividades não estruturadas, espontâneas, com a possibilidade de brincar livremente e explorar o espaço e materiais disponíveis, sem limitações. O facto de se ter permitido que explorassem as ABA de forma livre promoveu

também atitudes de confiança, autonomia, partilha e responsabilidade pelo espaço e materiais.

Podemos concluir que o espaço da rotina dedicado à exploração das ABA potencia atividade lúdica, sendo que o contexto, sala de atividades, não deve influenciar a atividade lúdica das crianças, deve promovê-la livremente, sem qualquer tipo de restrições, pois como referem Neto, Barreiros e Pais (1989) brincar "...implica o prazer de estar livre para descobrir novos significados, encontrar novas soluções, transmitir novas mensagens, criar novos afectos." (p.57)

Com base nesta experiência podem apontar-se algumas sugestões pedagógicas para o melhoramento das ABA:

- Apetrechamento de todas as áreas (as áreas que ocupam lugares de maior destaque são aquelas que possuem mais materiais);
- Inserção de materiais atrativos, estimulantes, variados e suficientes para todas as crianças;
- Verificação de todos os materiais e respetiva adequação à faixa etária;
- Responsabilização das crianças pelo espaço e materiais;
- Tornar as áreas que detêm menos taxa de ocupação mais atrativas com vista a fomentar todos os tipos de jogo.

"...A actividade lúdica reveste-se de um valor considerável para os estudiosos do desenvolvimento da criança." (Pereira e Neto, 1997, p. 179). Assim sendo, devemos procurar fomentá-la ao máximo, para que um dia mais tarde, estes adultos (nos quais tanto apostamos em crianças) sejam felizes, desenvolvidos a todos os níveis e com a recordação de uma infância alegre, recheada por brincadeira e cheia de oportunidades e enriquecimento em todas as áreas.

4.5.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Inicialmente, intencionava-se que este estudo fosse alargado a outras salas de jardim de infância, expandindo-se a população, no entanto, atendendo à limitação temporal com que nos deparamos, restringiu-se à sala dos 5 anos do jardim de infância, no qual se desenvolveu a PES II.

Assim, os resultados deste estudo só são válidos naquele contexto, para aquela realidade, porém, poderão ser demonstrativos de outras realidades.

Uma outra limitação diz respeito ao facto de ter filmado apenas uma vez as crianças, durante trinta minutos, o que significa que as crianças poderiam não ter naquele momento permanecido na sua área favorita, porém completou-se a filmagem com uma entrevista, interpretando posteriormente os dados recolhidos.

Futuramente, seria com grande agrado que se desenvolveria este mesmo estudo mas com uma população maior e heterogénea, e com introdução de materiais nas ABA, com vista a ver se estes influenciavam as escolhas e preferências das crianças.

Existem inúmeros estudos sobre o brincar, porém são poucos aqueles que se debruçam sobre os comportamentos de escolha livre das crianças, perante as brincadeiras. (Salomão e Martini, 2007)

4.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Brikman, N. & Taylor, L. (1996). *Aprendizagem activa: ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Brito, A. (1994). *Observação Directa e Sistemática do Comportamento*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Brougère, G. (1998). *A criança e a cultura lúdica*. São Paulo: Revista da Faculdade de Educação, 24(2), . Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200007&script=sci_arttext&tlng=en
- Carvalho, A.; Alves, M.; Gomes, P. (2005). *Brincar e educação: concepções e possibilidades*. Psicologia em estudo [online]. 2 (10), 217-226. Obtido em 12 de Dezembro de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000200008&script=sci_arttext
- Carvalho, S. (2011). *Brincar no recreio colorido: Um projecto de intervenção no contexto Pré-Escolar*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação, Viana do Castelo, Portugal.
- Chateau, J. (1975). *A criança e o jogo*. 2ª ed. Coimbra : Atlântida.
- Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da Aipelf-Afirse (1997) - *Métodos e técnicas de investigação científica: Actas do VII Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da Aipelf-Afirse*. Lisboa : Universidade de Lisboa.
- Condessa, I. & Fialho, A. (2010). *(Re)aprender a brincar*. Ponta Delgada : Universidade dos Açores.
- Cook, T. & Reichardt, C. (1986). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigavión evaluativa*. Madrid : Ediciones Morata.

- Costato, E. & Sponda, E. (2009). *A relação entre a actividade lúdica e a aprendizagem na pré-escola de colégios particulares* – Faculdade Unida de Suzano (UNISUZ) Revista Interfaces: ensino, pesquisa e extensão. (1), 17-20. Obtido em 12 de Dezembro de http://www.revistainterfaces.com.br/Edicoes/1/1_6.pdf
- Dallabona, S. (2004). *O lúdico na educação infantil: Jogar, brincar, uma forma de educar*. Instituto Catarinense de Pós-Graduação – ICPG. 1(4), 107-111. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de <http://www.slideshare.net/brinquedotecaJoanadarc/o-lidico-na-educacao-infantiljogar-brincar-uma-forma-de-educar>
- Delors, J. et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir* : relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Porto : Edições Asa.
- Dempsey, J. & Frost, J. (2002). *Contextos lúdicos na Educação de Infância*. In Spodek, J. (2002/org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp.687-724) . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Erikson, E. (1976). *Infância e sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Zahar.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. 4ª ed. Porto : Porto Editora.
- Flinchum, B. (1981). *Desenvolvimento motor da criança*. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Formosinho, J. (1996). *Modelos curriculares para a educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- Gallahue, D. (2002). *Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na educação de infância*. In Spodek, J. (2002/org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp.49-84). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Garvey, C. (1979). *Brincar*. Lisboa: Moraes.
- Gesell, A. (1979). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Hohmann, M.; Banet, B.; Weikart, D. (1979). *A criança em acção*. 2ª ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Huot, R. (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas*. Lisboa : Instituto Piaget.

- Kooij, R. (1997). *O Jogo da Criança*. In Neto, C. (1997). *Jogo e Desenvolvimento da Criança* (pp.54-78). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Kishimoto, T. (2001/org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- Leif, J. & Brunelle, L. (1978). *O jogo pelo jogo: a atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro : Zahar.
- Lordelo, E. & Carvalho, A. (2003). *Educação infantil e psicologia: para que brincar?*. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 23(2), 14-21 . Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000200004&script=sci_arttext
- Luria, A.; Leontiev, A.; Vigotsky, L. et al. (1977). *Psicologia e Pedagogia*. Lisboa : Estampa, 1977.
- Mertens, D. (1998) *Research methods in education and psychology: integrating diversity with quantitative & qualitative approaches*. London: Sage Publications.
- Ministério da Educação. Portugal. Departamento da Educação Básica. Núcleo de Educação Pré-Escolar (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Gabinete Para a Expansão e Desenvolvimento.
- Moraes, R. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil*. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a5_v2/artigo_7.pdf
- Morouço, P.; Vasconcelos, O.; Barreiros, J.; Matos, R. (2011). *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança IV*. Coimbra: Edição Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (Centro de Investigação em Motricidade Humana-IPL).
- Neto, C. (2010). *A Importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança: uma Perspectiva Ecológica*. In CONDESSA, Isabel; FIALHO, Adolfo (2010). (Re)aprender a brincar. Ponta Delgada : Universidade dos Açores.
- Neto, C. (2001). *Motricidade e Jogo na Infância*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sprint.
- Neto, C. (1997/org.). *Jogo e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

- Neto, C.; Barreiros, J.; Pais, N. (1989). *A actividade lúdica no jardim de infância*: antologia de textos. Guarda : Instituto Politécnico.
- Oliveira, A. (1995). *O brincar e o desenvolvimento infantil*. Perspectiva. Florianópolis, 22(1), p.129-137. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de <http://150.162.1.115/index.php/perspectiva/article/viewFile/10746/10261>
- Oliveira-Formosinho, J. (2004). *A criança na sociedade contemporânea*. Lisboa : Universidade Aberta.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2004). *O envolvimento da criança na aprendizagem*: Construindo o direito de participação. Instituto de Estudos da criança, Universidade do Minho, Associação Criança. *Análise Psicológica*: 1(XXII), 81-93
- Pelegrini, A. & Boyod, B. (2002). *O papel do jogo no desenvolvimento da criança e na educação de infância*: questões de definição e função. In Spodek, J. (2002/org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (pp.225-264). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Papalia, D. & Olds, S. (1998). *O mundo da criança*. São Paulo : Makron.
- Penteado, H. (2001). *Jogo e formação de professores*: videopsicograma pedagógico. In KISHIMOTO, Tizuko e tal. (2001/org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 5ª ed. São Paulo: Cortez.
- Pereira, B. & Neto, C. (1997). *A infância e as práticas lúdicas*. In PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel Jacinto (199/org7). *As crianças: contextos e identidades*(pp.217-264). Braga : Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- Peres, C.; Serrano, J.; Cunha, A. (2009). *Desenvolvimento infantil e Habilidades motoras*. Viseu: Vislis Editores.
- Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo na criança*: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3.ª ed. Rio de Janeiro : Zahar.
- Pieron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Barcelona : INDE Publicaciones.

- Pinto, M. & Sarmento, M. (1998/org7). *As crianças: contextos e identidades*. Braga : Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- Pinto, M. & Sarmento, M., ed. (1999). *Saberes sobre as crianças: para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974-1998)*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Pomar, C. & Neto, C. (1997). *Percepção da apropriação e do desempenho motor de género em actividades lúdico-motoras*. In Neto, C. (1997/org.). *Jogo e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Pontes, S. (2011). *O recreio escolar e a actividade lúdico-motora: Um Estudo de Intervenção no Contexto Pré-Escolar*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação, Viana do Castelo, Portugal.
- Queiroz, N.; Maciel, D.; Branco, A. (2006). *Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista*. *Paidéia* 16 (34), 169-179. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200005&lng=pt&nrm=iso
- Rodriguez, C. (2002). *La actividad motriz de 4 a 5 años*. Buenos Aires: Revista Digital, 8 (47), 1. Obtido em 2 de Dezembro de 2011 de <http://www.efdeportes.com/efd47/am45.htm>
- Salomão, H. & Martini, M. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: Enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*. São Carlos: UNESC. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>
- Santos, A. (2011). *Questões de género na escolha das áreas do jardim de infância: A construção da identidade de género das crianças de idades mais jovens do ponto de vista social*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação, Viana do Castelo, Portugal.
- Santos, A.; Piovezani, A.; Basseto, M.; Oliveira, N.; Zuca, P. (2009). *O lúdico na educação*. São Paulo: Universidade de Americana. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de <http://www.am.unisal.br/pos/stricto->

[educacao/coloquio/2009/trab_completo_files/o%20ludico%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](#)

- Sarmento, P. (1997). *A Problemática Lúdico-Desportiva*. In UNIVERSIDADE TECNICA DE LISBOA. Faculdade de Motricidade Humana (1997/org.). *Pedagogia do desporto* (pp.111-120). Lisboa : Departamento de Ciências do Desporto da Faculdade de Motricidade Humana.
- Silva, A. & Santos, E. (2009). *A importância do brincar na educação infantil*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ): Mesquita. Obtido em 12 de Dezembro de 2011 de http://www.ufrrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_SILVA%20e%20SANTOS.pdf
- Silva, C. (2011). *A importância da organização do espaço no jardim de infância: Áreas preferidas das crianças*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação, Viana do Castelo, Portugal.
- Sintra da Encarnação, F. (1972). *Movimento, desenvolvimento e aprendizagem: movimento, educação física nas primeiras idades*. [S.l.] : F. Sintra da Encarnação.
- Spodek, J. (2002/org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana (1997/org.). *Pedagogia do desporto*. Lisboa : Departamento de Ciências do Desporto da Faculdade de Motricidade Humana.
- UNESCO (1978). *A criança e o seu desenvolvimento desde o nascimento até aos 6 anos: conhecê-la melhor para melhor a ajudar*. Lisboa : Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal.
- UNICEF (1989). *A Convenção sobre os Direitos da criança*. Assembleia Geral das Nações Unidas. Obtido em 10 de Dezembro de 2011 de http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Wanderlind, F.; Martins, G.; Hansen, J.; Macarini, S.; Vieira, M. (2006). *Diferenças de género no brincar de crianças Pré-escolares e Escolares na brincoteca*. Santa

Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina. Obtido em 19 de Janeiro de 2012 de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a14.pdf>

- Zabalza, M. (1987a). *Areas, medios y evaluación en la educación infantil*. Madrid: Narcea, S.A.
- Zabalza, M. (1987b). *Didáctica de la educación infantil*. Madrid: Narcea, S.A.

5 REFLEXÃO GLOBAL DA PES I E II

“A educação visa a formação integral e harmónica do Homem, considerando a sua dimensão biológica, psicológica e social, pelo que deve estar atenta aos pressupostos e às necessidades culturais de cada indivíduo, de cada grupo e de cada época.” (Neto, Barreiros e Pais, 1989, p.65)

A Prática de Ensino Supervisionada é uma das disciplinas mais importantes na realização do presente mestrado. Ajuda-nos a recolher modelos de ensino, através da observação de pessoas e de contextos e, posteriormente, ensina-nos como devemos exercer a profissão. Permite que ponhamos em prática tudo aquilo que nos foi sendo ensinado ao longo da licenciatura e do próprio mestrado.

Numa primeira fase, desenvolveu-se a PES I no 1ºCiclo. Tudo era novo. Como tinha pensado sempre, como perspetiva futura a educação Pré-Escolar e o facto de já ter experiências nesse contexto, fez com tivesse desenvolvido alguns receios em relação ao desenvolvimento da PES I. A forma de ensino era diferente, os alunos mais exigentes e não havia grandes margens para erros.

O sorteio realizado pela turma fez com que fôssemos desenvolver a PES I no 2ºano de escolaridade. Estava muito ansiosa e pensava em como seria capaz de enfrentar todos aqueles alunos, com ânsia pelo saber.

No primeiro dia, a professora responsável pelo desenvolvimento desta disciplina, apresentou-nos quer à escola quer à professora cooperante, que nos viria a acolher. A escola parecia ter boas condições, era grande, um edifício em bom estado e avistavam-se armários que pareciam carregadinhos de material didático. No recreio existiam muitas crianças, parecia uma escola com bastantes alunos.

Quando entrei para a sala, olhei em volta e notei como ela estava bem equipada (dispondo de um quadro de giz, um quadro interativo e dois computadores), bem arrumada e iluminada, pelas grandes janelas de que dispunha.

Sentámo-nos a um canto e observámos. A professora cooperante mostrava-se muito competente, trabalhando todos os domínios com um à-vontade e naturalidade de uma excelente profissional. Neto (2001) refere que “a criança investe em acções de acordo

com os meios de que dispõe” (p.63), sendo que o professor é um deles. Isto veio contribuir para aumentar ainda mais os meus medos, seria eu capaz de atingir tal estado de graça?

Três dias por semana, durante três semanas, eu e a colega de estágio, observámos a turma e o profissionalismo desta professora, muito dedicada. Rapidamente começámos a conhecer as crianças pelo seu nome e também a personalidade de cada uma.

A ausência do medo em errar e todo o entusiasmo característico da turma para aprender e responder a todas as questões colocadas, lançaram sobre mim um grande peso no desempenho deste estágio.

Matemática, uma das áreas em que eu estava menos confiante, foi aquela que mais me surpreendeu. A professora fazia perguntas orais e escritas de cálculo mental e, de repente, todas as crianças já estavam impacientes para responder, ainda eu estava a meio do raciocínio. Impressionante, comentava eu, espantada com tais capacidades, sendo invadida por pensamentos que me levavam a imaginar acerca da forma de continuar tal trabalho. Seria uma tarefa difícil que tinha pela frente, “...o papel do adulto é basicamente o de criar situações que desafiem o pensamento actual da criança e, assim, provoquem o conflito cognitivo.” (Formosinho, 1996, p.73)

As semanas foram passando e eis que chegou a minha primeira semana de intervenção naquela turma de 1ºCiclo. No primeiro dia, estava bastante nervosa, tinha lido e relido tudo o que iria fazer, no entanto, invadia-me um certo desconforto e inquietude. Tocou, as crianças entraram e o tempo dedicado às rotinas permitiu que ficasse um pouco mais à vontade. Porém não tive muita sorte em relação aos conteúdos a lecionar naquela semana, que se tornou caótica, não conseguindo perante mim mesma atingir os objetivos propostos. Lembro-me de que, na quarta-feira vinha muito desiludida, pensando em formas de conseguir ultrapassar esta postura e ter um bom desempenho. Lembro-me da professora cooperante dizer que era normal, que para a próxima seria melhor, apenas tinha de ter mais confiança em mim mesma. Cheguei a pensar que talvez tivesse sido um erro ter escolhido o mestrado nas duas vertentes, mas era tarde demais para voltar atrás.

Preparei todas as semanas que se seguiram revestida por defesas, tinha de ser capaz. Introduzi tarefas extra para que quando as crianças mais rápidas tivessem

terminado não ficassem sem fazer nada, e um quadro de comportamento, com o objetivo de motivar e elucidar bons hábitos.

Tivemos muito trabalho, mas todo ele presenteado com o gosto das crianças pelas tarefas propostas. Correu sempre consecutivamente melhor, a confiança começou a invadir-me, contribuindo para isso não só o “feedback” recebido das crianças e da professora cooperante, como dos professores supervisores e outros professores daquela escola. A certo momento, desenvolvemos não só atividades com a “nossa turma” como também com a turma do lado, que muitas vezes vinha participar em tarefas nossas, ou nós próprias, chegamos a deslocar-nos à sala deles para as promovermos. Era com grande orgulho que por vezes assistíamos a conversas, onde criticavam muito positivamente o nosso trabalho.

Fui crescendo muito, a todos os níveis. Aprendi a conhecer a importância dos porquês em todas as áreas de conhecimento, no sentido de entendermos a forma de pensar dos alunos e corresponder aos seus interesses e necessidades.

Foi uma experiência muito gratificante. Senti-me, a cada dia que passava, cada vez mais confiante e competente, ficando extremamente orgulhosa quando via as crianças aplicar os conhecimentos que lhes transmitira. Aos poucos, fui deixando que as aulas decorressem normalmente, aproveitando sempre o “feedback” dos alunos para me guiar, sem pressas.

Esta experiência, esta turma, esta professora cooperante ensinaram-nos muito e levaram-nos a apaixonar pela profissão. O ambiente na escola foi sempre muito acolhedor, oferecendo-nos um clima de otimismo e segurança que, desde logo, nos integrou em plenitude.

No dia em que nos despedimos deste contexto da PES I, eu e a colega de estágio preparamos uma pequena festa e recebemos imensos mimos, cartões e lembranças por parte das crianças e pessoal docente e não docente; foi um até sempre pois tencionávamos voltar.

Eis que, tempos mais tarde, visitámos a escola, sendo desde logo abraçadas pela comunidade escolar que sempre ficará no nosso coração. Embora já não tenhamos o dever de lá ir, eu e o meu par de estágio encontramos-nos ainda a desenvolver uma

atividade que iremos implementar com esta turma, agora do 3ºano de escolaridade, denotando-se a importância que este contexto de estágio teve para nós.

Na Prática de Ensino Supervisionada II, o sorteio fez com que ficássemos numa sala de meninos de 5 anos, num jardim de infância do concelho de Viana do Castelo. O facto de ser uma sala de “meninos grandes” deixou-nos muito contentes logo à partida, pois iria permitir que desenvolvêssemos atividades com algum grau de complexidade e, também porque, nesta faixa etária as crianças já detêm algum poder de concentração, pelo que não seria muito difícil manter a sua atenção.

Apresentámo-nos pontualmente na instituição. Conhecemos a educadora cooperante, o pessoal docente e as instalações, que eram ótimas. Desta vez, estava confiante. Conhecemos as rotinas da sala e os meninos, que desde logo se afeiçoaram muito a nós. Fomo-nos integrando junto das crianças, especialmente através da leitura de histórias e outras atividades em tempos mortos.

Lembro-me do dia em que decidimos construir a biblioteca, nas semanas de observação, seria um bom projeto de estágio que também nos ajudaria a crescer. Dedicámo-nos e pensámos que seria um bom contributo para a instituição. Trabalhámos muito e os resultados estavam à vista.

As semanas foram passando e eis que chega o dia da minha primeira intervenção. Tinha um certo receio de as crianças não gostarem das atividades ou de não conseguir controlar o grupo. Fui buscá-las à sala de receção e as restantes foram chegando. Comecei com as rotinas e toda a ansiedade se apagou, estavam a reagir com motivação e interesse ao apresentado, respeitando-me.

Aos poucos fui cativando e aprendendo muito com elas. Aprendi que devemos esperar sempre mais, que as crianças não são uma “tábua rasa” e trazem com elas um vasto conjunto de conhecimentos e vivências, que como referem Luria, Leontiev, Vigotsky et al (1977) “... a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.” (p.39)

“Uma boa pré-escola ajuda as crianças a aprender e a crescer em diversos sentidos – e é divertida também. A autonomia floresce à medida que as crianças exploram um mundo fora de casa e escolhem entre muitas actividades de acordo com seus interesses e habilidades., as quais

deixam experienciar muitos sucessos que formam a confiança e a auto-imagem.” (Papalia, 1998, p.317)

Tive medo de, por vezes, exigir demasiado, no entanto, o meu objetivo nunca foi que elas saíssem dali a saber exatamente o que lhes tinha transmitido, mas sensibilizá-las para tal conhecimento. Foram vários os dias em que me surpreenderam.

Bons educadores de infância tentam desenvolver a criança de diversas formas, levando-a a aprender fazendo. “Estimulam os sentidos das crianças...Encorajam a observar, a conversar, a criar e a resolver problemas...” (Papalia, 1998, p. 317)

O nervosismo apenas se apoderara de mim durante a supervisão de alguns dos professores supervisores, porque as crianças destas idades são imprevisíveis, existindo dias que correm maravilhosamente bem, e outros em que simplesmente é melhor fazermos coisas mais livres, pois elas não estão com predisposição para se concentrarem, existindo inúmeras causas para isso.

Lembro-me no dia em que me foi supervisionar a docente de matemática, estava mesmo muito nervosa, com um pouco de receio da atividade que ia implementar. Quando ela abriu a porta e apresentou um sorridente “Boa tarde!” o meu coração bateu como nunca, as mãos tremeram e tudo à volta se desmoronava. Ainda por cima tinha vindo durante a tarde, quando as crianças tinham sempre menos poder de concentração, mas a culpa era exclusivamente minha ter marcado para aquele dia. Mas, não havia forma de voltar atrás. Apresentei a atividade e fiquei um pouco mais descansada. No entanto, com o decorrer da tarefa, estava muita balbúrdia e barulho, as crianças não estavam a responder da forma que eu esperava e tudo se derrubava à minha volta. Certamente, que este foi o momento do estágio em que não estive na minha melhor forma, pois não reagi bem e, como estava com elevado grau de nervosismo, não consegui revirar a situação. Se pudesse voltar atrás... mas infelizmente o tempo só anda para a frente... resta-nos continuar, foi um mau episódio no meio de muitos maravilhosos.

A educadora cooperante deixou-nos muito à vontade, nunca negando aquilo que lhe propúnhamos. No entanto, a crítica faz parte do nosso processo de crescimento e ajuda-nos a melhorar.

Eu e a colega de estágio nunca nos desentendemos nem falhámos nas nossas responsabilidades. Com muito esforço, fomos dividindo tarefas, confiando uma na outra,

sem nunca termos falhado nem desapontado, tanto os professores, como as crianças. Também tentámos sempre procurar o apoio dos professores orientadores, seguindo as suas dicas e corrigindo as planificações de forma consciente.

As unidades curriculares PES I e PES II permitiram-me concluir que, um bom professor, tem de inovar, pondo também à prova a sua criatividade e expondo os alunos a novas situações, afastando-se do método rotineiro de dar aulas.

As crianças adoram a novidade e o lúdico entusiasma-as. “A componente lúdica no homem é uma característica fundamental da sua essência que não pode nem deve ser marginalizada.” (Neto, 2001, p.173). Assim, adquirem aprendizagens quase sem dar por isso, entre jogos e brincadeiras desafiadoras e cativantes. Os alunos devem ser os agentes ativos da educação, devem construir o seu próprio conhecimento, descobrindo-o em cada tarefa oferecida pelo educador/professor. Devemos, enquanto futuros educadores/professores, adotar um papel de aprendiz, formando-nos continuamente e esforçando-nos para renovar os nossos métodos.

Todo este percurso fez com que crescêssemos imenso, a nível pessoal e profissional, e construíssemos uma forma de trabalhar, aquela que vemos como mais gratificante para as crianças.

Apesar de ser muito criticado pelos profissionais que se encontram no terreno, o nosso curso permite uma ponte entre o Pré-Escolar e o 1ºCiclo do Ensino Básico. Esta é uma enorme vantagem, uma vez que nos leva a olhar para a educação de uma forma contínua, nestes primeiros anos de escolaridade.

Quando ingressei no mestrado a preferência era sem dúvida o pré-escolar. Hoje, permanecendo a paixão pelos primeiros anos da criança, o gosto pelo 1ºciclo veio crescendo ao longo do percurso e, embora não estando ao nível do pré-escolar, o 1ºciclo assume grande parte do meu encanto a nível profissional.

Ser professor ou educador é dar tudo e não pedir nada. Oferecer conhecimentos, amizade... brincadeira também. É ter um pedacinho de coração entregue a cada menino. É ver crescer, desenvolver, progredir e seguir em frente. É acompanhar cada um dos processos de cada criança, escolher o melhor, desafiar, orientar e oferecer o ombro amigo, quando for preciso. É ter concentradas em si todas as profissões. É ser cada um dos familiares. É dar carinho e ralhar no momento certo...

A vida de um professor é feita de chegadas e partidas. Neste momento acabamos de partir, esperemos que rumo a mais uma chegada.

Tânia Cunha

ANEXOS

ANEXO 1

Planificações, Reflexões e Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada (CD)

ANEXO 2

Pedido de autorização para captação de imagens aos Encarregados de Educação

Ex. mo Encarregado de Educação

Chamo-me Tânia Cunha e sou aluna da Escola Superior de Educação, do curso Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Encontro-me a estagiar na presente instituição e necessitava da vossa autorização para captar imagens/vídeos dos vossos educandos para conseguir prosseguir com o estudo que me encontro a desenvolver, cujo tema é: A taxa de ocupação de cada uma das áreas da sala de atividades.

As imagens serão recolhidas apenas para fins académicos, salvaguardando a identidade de cada uma das crianças. As imagens não serão divulgadas.

Atenciosamente,

(Tânia Cunha)

Nome do educando: _____

Autorizo ☐ Não autorizo ☐

Assinatura
